

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

LUIZA SIMIONATTO BUDHAZI

**O DESENHO DO LUGAR:
EXPRESSÕES E IMPRESSÕES DA CIDADE DE CAMPINAS – SP**

CAMPINAS

2024

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUAGENS,
MÍDIA E ARTE
LUIZA SIMIONATTO BUDHAZI

O DESENHO DO LUGAR:
EXPRESSÕES E IMPRESSÕES DA CIDADE DE CAMPINAS – SP

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguagens, Mídia e Arte do Centro de Linguagem e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para a obtenção do título de Mestre em Linguagens, Mídia e Arte.

Grupo de pesquisa: Produção e pesquisa em arte

Linha de pesquisa: Linguagens, Poéticas e Tecnologias

Orientadora: Profa. Dra. Jane Victal Ferreira

CAMPINAS

2024

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI
Gerador de fichas catalográficas da Universidade PUC-Campinas
Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Budahazi, Luiza Simionatto

B927d

O desenho do lugar : expressões e impressões da cidade de Campinas - SP / Luiza Simionatto Budahazi. - Campinas: PUC-Campinas, 2024.

93 f.il.

Orientador: Jane Victal Ferreira.

Dissertação (Mestrado em Mestrado em Linguagens, Mídia e Arte) - Programa de Pós-graduação em Linguagens, Mídia e Arte, Escola de Linguagem e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2024.

Inclui bibliografia.

1. desenho de observação. 2. paisagem urbana. 3. Urban Sketchers de Campinas. I. Ferreira, Jane Victal . II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Linguagem e Comunicação. Programa de Pós-graduação em Linguagens, Mídia e Arte. III. Título.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUAGENS,
MÍDIA E ARTE

O DESENHO DO LUGAR:
EXPRESSÕES E IMPRESSÕES DA CIDADE DE CAMPINAS – SP

Dissertação defendida e aprovada em 10 de dezembro de 2024 pela comissão examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **JANE VICTAL FERREIRA**
Data: 28/12/2024 10:17:30-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Jane Victal Ferreira
Orientadora e presidente da comissão
examinadora
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Documento assinado digitalmente
 **LUISA ANGELICA PARAGUAI DONATI**
Data: 11/12/2024 07:45:20-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Luisa Angélica Paraguai Donati
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Documento assinado digitalmente
 **KARINA KUSCHNIR**
Data: 11/12/2024 11:28:02-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Karina Kuschnir
Universidade Federal do Rio de Janeiro

CAMPINAS

2024

AGRADECIMENTOS

Nesta seção, dedico-me a agradecer a todos os envolvidos na realização da minha dissertação de mestrado, seja diretamente (pela transmissão de conhecimento ou pelas discussões acerca do desenho), seja emocionalmente. Sem o apoio dessas pessoas, nada disso seria possível.

Primeiramente, agradeço à minha família, meu pai Sérgio, minha mãe Mônica e minha irmã Laura, por se esforçarem para que eu receba uma educação de qualidade e por incentivarem a minha formação pessoal e profissional.

Agradeço profundamente ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte, aos meus colegas de turma, aos funcionários e à infraestrutura da PUC-Campinas. Assim como a CAPES: *“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001”*.

Em especial, registro meu agradecimento e admiração pela orientadora da dissertação, Profa. Dra. Jane Victal, que, desde 2019 com a Iniciação Científica, vem acompanhando e guiando meu percurso acadêmico com sabedoria, conhecimento e empatia.

Reconheço a contribuição dos membros da banca examinadora, a Profa. Dra. Luisa Paraguai e a Profa. Dra. Karina Kuschnir, por demonstrarem com clareza caminhos possíveis para a realização de uma pesquisa consistente.

Por fim, dedico a dissertação àqueles que desenham, que o utilizam como linguagem de investigação do mundo e, a partir disso, como projeção de ideias.

RESUMO

A pesquisa investiga o fenômeno do desenho de observação *in loco* da paisagem urbana. De forma detalhada, como estudo de caso, descreve a atuação da comunidade global *Urban Sketchers* (USk) e da comunidade local *Urban Sketchers* de Campinas, a fim de compreender seu caráter global, virtual e heterogêneo. Com isso, busca-se investigar a prática do desenho de locação enquanto processo de apreensão da paisagem urbana e de autoconhecimento do desenhista. Com finalidade qualitativa, descritiva e interdisciplinar, a abordagem metodológica híbrida consiste na triangulação de dados entre a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e a pesquisa de campo, com teor metodológico fenomenológico. Referente a esta abordagem, a investigação se debruça sobre a fenomenologia do lugar, a prática do desenho de observação da paisagem urbana e a criação de comunidade, a fim de produzir uma reflexão teórica sobre a importância do desenho como linguagem pessoal, conectada de forma sensível ao espaço. De modo complementar, tem por finalidade refletir sobre como a comunidade USk Campinas amplifica sua atuação por meio do compartilhamento das experiências dos integrantes nas redes sociais digitais, assim como demonstrar os impactos dos desenhos dos lugares de Campinas – SP para os desenhistas.

Palavras-chave: desenho de observação; paisagem urbana; *Urban Sketchers*; comunidade virtual; Campinas.

ABSTRACT

The research investigates the phenomenon of on-site observation drawing of the urban landscape. In detail, as a case study, it describes the actions of the global community Urban Sketchers (USk) and the local community Urban Sketchers of Campinas, to understand their global, virtual and heterogeneous character. With this, we seek to investigate the practice of location drawing as a process of apprehending the urban landscape and the sketcher's self-knowledge. With a qualitative, descriptive and interdisciplinary, the hybrid methodological approach consists of data triangulation between bibliographic research, documentary research and field research, with phenomenological methodological content. Regarding this approach, the research focuses on the phenomenology of place, the practice of observational drawing of the urban landscape, and community building, in order to produce a theoretical reflection on the importance of drawing as a personal language, sensibly connected to space. In a complementary way, its purpose is to reflect on how the Campinas community amplifies its activities by sharing the experiences of its members on digital social networks, as well as demonstrating the impacts of the drawings of places in Campinas – SP for sketchers.

Palavras-chave: observation drawing; urban landscape; *Urban Sketchers*; virtual community; Campinas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Schiele, Egon. Krumauer Stadtviertel. 1914. Desenho de seu caderno de arte.

Figura 2: Fotografia *versus* Desenho do centro histórico de Paraty, RJ.

Figura 3: Visão Serial.

Figura 4: Recintos.

Figura 5: Ponto focal.

Figura 6: Aqui e além.

Figura 7: Perspectiva grandiosa e jardim do Palácio de Versalhes, França.

Figura 8: Perspectiva delimitada.

Figura 9: Croqui de Vilanova Artigas da FAUUSP.

Figura 10: “Desenho do Vovô”, desenho que Vilanova Artigas realizou junto ao neto.

Figura 11: Iconografia medieval de Honnecourt.(lâmina 2).

Figura 12: Iconografia medieval de Honnecourt.(lâmina 6 verso).

Figura 13: Desenho da paisagem do Rio de Janeiro, de Jean-Baptiste Debret. “(1) *Vue de la Ville de Rio de Janeiro prise du Convent de Sa. Bento*”. Século XIX. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

Figura 14: Desenhos do Caderno de Viagem de Jean- Baptiste Debret. À esquerda: aquarela retratando a vida nas ruas. À direita: Debret trabalhando, 1816.

Figura 15: Desenho da Acrópole de Atenas, feito por Le Corbusier.

Figura 16: Desenho do Batistério de Siena, feito por Le Corbusier.

Figura 17: Gabriel Campanario praticando o desenho urbano.

Figura 18: Logotipos de grupos regionais da comunidade *Urban Sketchers*. Respectivamente: comunidade oficial com sede em Seattle; comunidade USk Londres, com a *London Bridge*; USk Nova Iorque, com a Estátua da Liberdade; USk Paris, contento o *skyline* da cidade e a Torre Eiffel; USk Bali, com a escultura da águia mítica Garuda e USk Campinas, com a Estação Cultura.

Figura 19: Carimbo do USk Campinas, presente no desenho urbano da integrante Luiza Budahazi.

Figura 20: *Print Screen* do mapa de localização dos grupos regionais *Urban Sketchers* ao redor do mundo.

Figura 21: Linha do tempo contendo os anos e os locais dos Simpósios Internacionais realizados pela USk.

Figura 22: Desafios mensais propostos pela comunidade USk para os meses de dezembro de 2023, janeiro e fevereiro de 2024, respectivamente.

Figura 23: *Print Screen* da seção do site oficial da Revista Drawing Attention, que mostra as últimas publicações, no caso, agosto e dezembro de 2023 e março de 2024.

Figura 24: Desenho em estação de ônibus, de Gabriel Campanario. Tema que inspirou o jornalista a iniciar sua prática do desenho de locação.

Figura 25: Desenho à lápis e aquarela do trânsito de veículos, do alemão Jens Hubner.

Figura 26: Desenho em *sketchbook* do português Eduardo Salavisa.

Figura 27: Desenho de locação do estadunidense Gary Amaro - “*A homeless man and a double exposure of buildings across Haight Street*”.

Figura 28: Desenho de locação da mauritana Isabel Fiadeiro – “*Dead Goat: French waste company Pizzorno has been cleaning Nouakchott for the past few years, Fiadeiro says They have distributed containers all around town, but they are not supposed to get rid of dead animals*”.

Figura 29: Linha do tempo contendo os anos e os locais dos Encontros Nacionais e Regionais realizados pela comunidade USk Brasil.

Figura 30: *Print Screen* da publicação do Instagram que apresenta os organizadores responsáveis pelo USk Campinas: Lui Bonon, Jonathan Melo, André Lopes e Fernanda Bonon, respectivamente, da esquerda para a direita.

Figura 31: Luiza e Fernanda Bonon praticando o desenho de locação.

Figura 32: *Print Screen* do Manifesto *Urban Sketchers* publicado no Instagram da comunidade USk Campinas.

Figura 33: Desenho do Coletivo Mangueira – Campinas, SP, feito por André Lopes, no dia 07 de mai. de 2023.

Figura 34: Desenho da Praça São Sebastião – Sousas, Campinas, SP, feito por Carolinee de Almeida, no dia 16 de jun. de 2024.

Figura 35: Desenho do Bloco de Carnaval Nem Sangue Nem Areia – Campinas, SP, feito por Marcos Diaz, no dia 04 de fev. de 2024.

Figura 36: Desenho da Igreja Matriz – Itu, SP. Realizado durante o Encontro Regional USk Brasil – Sudeste, por Nando Penteado, no dia 11 de jun. de 2023.

Figura 37: Mapa de Campinas (escala macro), contendo os encontros da comunidade USk Campinas.

Figura 38: Mapa de Campinas (escala micro), contendo os encontros da comunidade USk Campinas.

Figura 39: *Print Screen* da divulgação do 41º encontro da comunidade no SESC Campinas, que ocorreu no dia 05 de nov. de 2023, no perfil oficial da comunidade.

Figura 40: *Print Screen* do perfil oficial do USk Campinas no Instagram, em que republica a postagem da integrante referente ao desenho de locação feito no 41º encontro no SESC Campinas.

Figura 41: Gráfico que expressa o número de participantes em relação aos encontros da comunidade USk Campinas.

Figura 42: Integrante do USk Campinas praticando o desenho de locação no 24º encontro na Concha Acústica do Taquaral em 06 de mar. de 2022.

Figura 43: Integrantes da USk Campinas durante *Coffee and Draw* na Livraria Candeeiro.

Figura 44: Integrantes do USk Campinas praticando o desenho de locação no Encontro Regional *Urban Sketchers* Sudeste que ocorreu no município de Itu em 11 de jun. de 2023.

Figura 45: Integrante do USk Campinas praticando o desenho de locação no 36º encontro no Casarão Jambeiro em 04 de jun. de 2023.

Figura 46: Integrantes do USk Campinas com os desenhos em mãos, ao final de um encontro de desenho.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Números, locais, datas e participantes dos encontros do USk Campinas.

Tabela 2 – Categorização dos encontros do USk Campinas, de acordo com o uso do lugar.

Tabela 3 – Encontros ao ar livre *versus* ambientes fechados do USk Campinas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
I. O DESENHO DE OBSERVAÇÃO DA PAISAGEM URBANA.....	18
I.I. O desenho como processo cognitivo.....	18
Desenho de observação.....	18
Desenho <i>versus</i> fotografia.....	22
I.II. O desenho como processo de conhecimento espacial.....	24
Paisagem urbana.....	24
Desenho do arquiteto.....	30
I.III. O desenho dos viajantes.....	33
Villard de Honnecourt.....	33
Jean-Baptiste Debret.....	37
Le Corbusier.....	38
I.IV. O desenho como narrativa social.....	41
II. URBAN SKETCHERS: UMA COMUNIDADE GLOBAL DE	
DESENHISTAS.....	42
II.I. A criação da comunidade.....	43
II.II. O Manifesto com os valores e as visões.....	45
II.III. A formação de um grupo regional.....	46
II.IV. A heterogeneidade dos grupos ao redor do mundo.....	49
II.V. Os eventos e as atividades.....	51
Simpósio Internacional <i>Urban Sketchers</i>	51
Desafios de desenhos urbanos mensais.....	53
Revista <i>Drawing Attention</i>	54
Caderno Global de Desenhos.....	55
II.VI. Os <i>sketchs</i> da paisagem urbana.....	56
II.VII. A democratização da participação.....	61
II.VIII. A fidelidade com o contexto urbano.....	63
III. COMUNIDADE URBAN SKETCHERS NO BRASIL E EM	
CAMPINAS.....	65
III.I. Os encontros nacionais e regionais.....	65
III.II. Comunidade <i>Urban Sketchers</i> de Campinas.....	66
A fundação da comunidade.....	66
Os valores e as visões.....	68

Os integrantes da comunidade.....	68
A escolha dos locais dos encontros.....	73
A localização dos encontros.....	76
A descrição dos encontros.....	78
A adesão aos encontros.....	81
A singularidade do USk Campinas.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
REFERÊNCIAS.....	88

INTRODUÇÃO

A presente dissertação compreende um estudo da cultura visual contemporânea e uma investigação da diversidade de modos de ser e estar no mundo. Segundo a teórica de arte Irit Rogoff (2000), a cultura visual adquire importância em meio à complexidade do mundo, devido à forte influência que a visualidade exerce no indivíduo. A produção de conhecimento, diante da globalização perversa, cria desigualdades, sendo as manifestações artísticas culturais capazes de criar transformações sociais e novas formas de relacionamento em comunidade.

A produção de imagens que circulam no cotidiano e que colaboram para a criação e a transmissão dos valores de uma cultura é o que caracteriza a visualidade contemporânea, de acordo com Rogoff (2000) e, por isso, influenciam na produção de conhecimento, como aquele realizado no ambiente acadêmico.

Nesse contexto, a dissertação, que é essencialmente estruturada pela observação participativa, adquire caráter processual, colaborativo e descritivo, uma vez que contém a experiência empírica vivenciada em meio ao fenômeno do desenho de observação *in loco* da paisagem urbana. De forma detalhada, descreve o fenômeno do desenho urbano, praticado pela comunidade global *Urban Sketchers* (USk) e pela comunidade local *Urban Sketchers* de Campinas.

Portanto, o objetivo principal da dissertação consiste em investigar a prática do desenho de locação enquanto processo de apreensão da paisagem urbana e de autoconhecimento do desenhista.

Para que isso ocorra, os objetivos específicos consistem em:

- 1) Analisar o desenho de observação como processo de conhecimento espacial e do lugar;
- 2) Resgatar a prática do desenho de observação da paisagem, pontuando alguns momentos significativos e relevantes para esse estudo, a fim de demonstrar a sua potência como recurso interdisciplinar de documentação dos valores culturais de uma comunidade em seu contexto geográfico;
- 3) Abordar a atuação da comunidade *Urban Sketchers*, para analisar se, de fato, compreende uma condição global, virtual e heterogênea;

4) Abordar a atuação da comunidade *Urban Sketchers* de Campinas.

A investigação conta com uma metodologia híbrida que é fruto da triangulação de dados entre a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e a pesquisa de campo, “compondo um ir e vir entre a (...) comunidade de desenhistas (coletividade), a fenomenologia do lugar (Campinas) e a cibercultura (comunidade planetária)” (Budahazi, Victal, 2023).

A pesquisa intitulada “O desenho do lugar: expressões e impressões da cidade de Campinas – SP” está ancorada no caráter qualitativo, descritivo e interdisciplinar, pois busca estabelecer relações entre os campos da arte, da arquitetura e do urbanismo.

Como forma de introduzir o estudo de caso da pesquisa, a comunidade *Urban Sketchers* foi fundada no meio digital em 2007, por Gabriel Campanario, em Seattle, nos Estados Unidos. Sua principal missão é praticar o desenho de observação *in loco* e em comunidade, retratando lugares onde as pessoas vivem ou viajam. O coletivo, presente em diversas cidades ao redor do globo, propõe a realização de encontros e eventos dedicados ao desenho urbano. A adesão de integrantes vem crescendo e, conseqüentemente, o compartilhamento de diferentes visões de mundo, permeadas pela cultura, também.

Os integrantes são contadores de histórias do cotidiano, que utilizam o desenho como forma de linguagem. Sendo assim, é uma comunidade baseada na experiência local, mas que se estrutura fortemente devido ao advento das redes sociais digitais, que garantem o alcance planetário.

Assim, após a breve introdução da comunidade USk e retomando a metodologia, a fundamentação teórica da dissertação é construída pela bibliografia de referência que conta com autores de diferentes campos disciplinares para a estruturação de uma análise interdisciplinar. Em um primeiro momento, acerca do desenho de observação como fonte de conhecimento espacial e do lugar, tem-se como apoio os autores: Edwards (2021), Arnheim (2005), Albers (2021), Hallawell (2017), Berger (2005), Cullen (2008), Lynch (1960), Motta (1975) e Artigas (1975).

Em um segundo momento, referente ao resgate histórico, a dissertação se debruça sobre os desenhos do mestre de obras Villard de Honnecourt, do desenhista de paisagem Jean-Baptiste Debret e do arquiteto Le Corbusier,

utilizando como apoio os autores: Proença (2005), Fonseca, Vizioli (2014), Carreira (1997), Trevisan (2007), Bandeira (2008), Pita (2003) e Lancha (2006).

A descrição da comunidade, estudo de caso, é contemplada tanto pela bibliografia de importantes desenhistas urbanos contemporâneos, tais como: Campanario (2012), Thorspecken (2014), Hubner (2020) e Bajzek (2021), assim como pela pesquisa documental, que compreende o material publicado na Internet.

A pesquisa documental tem a função de coletar dados sobre a comunidade a partir de materiais publicados na Internet, como em sites oficiais, sites de notícias e nas redes sociais digitais, principal mídia de divulgação da atuação dos desenhistas. Dentre a divulgação, enquadram-se: Encontros Regionais e Nacionais, Simpósios Internacionais, exposições de desenho, revistas online e *workshops* que compartilham técnicas, suportes, materiais e dicas sobre a prática do desenho urbano.

A pesquisa de campo compreende a participação e observação empírica da pesquisadora com a comunidade de estudo. O material produzido diz respeito ao período do ano de fundação do coletivo *Urban Sketchers* de Campinas, de janeiro de 2018 até outubro de 2024. Os dados da pesquisa etnográfica correspondem aos desenhos de locação realizados nos encontros da comunidade USk Campinas, aos registros fotográficos e de áudio acerca dos encontros e anotações pessoais das experiências em um diário de campo.

Com base nesta metodologia híbrida, os resultados alcançados demonstram como ocorre a formação de uma rede cultural global contemporânea, como a *Urban Sketchers*. A descrição minuciosa das atividades e dos integrantes evidência o potencial do desenho de observação *in loco* como uma fonte de documentação das histórias cotidianas, que salvaguardam as transformações da paisagem urbana. A presença do coletivo no mundo é ancorada pelos grupos regionais, como o caso do USk Campinas, e pelo compartilhamento de desenhos e experiências no mundo digital, por meio das redes sociais.

No entanto, como será abordado ao longo da dissertação, a partir da descrição e da breve análise, é possível compreender que a comunidade ainda precisa tornar a participação mais inclusiva, principalmente para integrantes do sul global. Assim como necessita pensar o desenho como um recurso que, de

fato, promova transformações sociais, já que prevalecem retratos de uma urbe idealizada, sem conflitos, onde as pessoas convivem em harmonia com a paisagem.

I. O DESENHO DE OBSERVAÇÃO DA PAISAGEM URBANA

Como ponto de partida, discute-se o desenho de observação da paisagem urbana, tema de interesse da comunidade de estudo USk. Para isso, foi necessário compreender o desenho em dois momentos: 1-) como processo cognitivo e 2-) como processo de conhecimento espacial.

O primeiro considera o desenho de observação como uma habilidade global que auxilia na percepção visual e beneficia o desenvolvimento da liberdade criativa, por meio da prática manual. Para fundamentar a discussão, utilizam-se os teóricos Edwards (2021), Arnheim (2005), Albers (2021), Hallawell (2017) e Berger (2005).

Já o segundo se dedica à leitura da paisagem urbana e ao desenho como fonte de conhecimento do espaço, em que arquitetos e urbanistas trazem enorme contribuição. Sendo assim, para fundamentar, utilizam-se os autores Cullen (2008), Lynch (1960), Motta (1975) e Artigas (1975).

I.I. O desenho como processo cognitivo

Desenho de observação

Segundo a arte-educadora Betty Edwards¹ (1926 -), em seu livro “Desenhando com o lado direito do cérebro”, publicado em 1979, o desenho de observação pode ser considerado uma habilidade global que utiliza a percepção visual para estimular a criatividade e o raciocínio lógico. Consiste em uma prática baseada na experimentação, pois impulsiona o desenhista a interagir com a paisagem e exercitar sua memória visual.

Por ser realizada a partir da observação direta do mundo físico, tal atividade coloca o desenhista em contato com outras atividades humanas presentes na vida diária que envolvem a percepção. Segundo o psicólogo Rudolf

¹ A arte-educadora e escritora Betty Edwards nasceu em 26 de junho de 1926, na Califórnia, Estados Unidos. Atualmente (2024), Edwards é aposentada, no entanto, construiu uma longa carreira como docente e pesquisadora na *California State University*. Seu livro “Desenhando com o lado direito do cérebro”, publicado originalmente em 1979, é, até hoje, uma das principais bibliografias para se pensar o ensino do desenho, sendo bastante citado em pesquisas científicas e, seu método, amplamente utilizado em escolas de arte/desenho. O livro foi revisado e reimpresso nos anos de 1989 e 1999 (Fonte: Editora nVersos, 2024. Disponível em: <https://www.nversoseditora.com/autores/betty-edwards>. Acesso em 10 de out. de 2024).

Arnheim² (1904 – 2007) em seu livro “Arte e Percepção Visual: uma psicologia da visão criadora”, publicado em 1954, entende-se que toda percepção é também uma forma de pensamento e que toda observação é, na verdade, uma invenção (Arnheim, 2005).

Aliado ao pensamento de Arnheim, o educador e artista Josef Albers³ (1888 – 1976) defende que a experimentação no ensino da arte e, conseqüentemente, no ensino do desenho, consiste em um “estudo de nós mesmos”. Conforme Albers, “substituímos o olhar para trás por um movimento inicial que o faz voltar-se para nós mesmos e nosso meio ambiente, o que nos leva a substituir a retrospectiva pela introspecção” (Albers, 2021, p. 69).

Em outras palavras, o ensino do desenho de observação não deve se restringir ao ambiente das instituições formais e não deve se basear na cópia de obras artísticas existentes. Esse ensino requer experimentação e interação com o mundo físico, a fim de que o desenhista consiga, de fato, realizar um trabalho introspectivo e desenvolver sua criatividade. Sendo assim, em consonância com o objetivo da presente dissertação, percebe-se a notoriedade que o desenho adquire, enquanto processo de investigação, forma de linguagem e de expressão pessoal.

No entanto, para além do desenvolvimento da percepção visual, desenhar também pode ser considerada uma atividade manual e de aguçamento dos sentidos, de acordo com o artista plástico Philip Hallawell⁴ (2017). A íntima

² O filósofo Rudolf Arnheim nasceu em 1904, em Berlim, na Alemanha, e morreu em 2007 em Michigan, nos Estados Unidos. Arnheim “estudou história da arte e da música, filosofia e psicologia na Universidade de Berlim com os estudiosos da Gestalt Wolfgang Köhler (1887-1967) e Kurt Lewin (1890-1947)”. No ano de 1940, emigrou para os Estados Unidos, onde lecionou no *Sarah Lawrence College*. Foi em 1954 que publicou sua obra mais conhecida “Arte e Percepção Visual: uma psicologia da visão criadora”, que aborda que a visão é a chave para o pensamento e, assim, para a apreciação da arte (Fonte: Dicionário de Historiadores da Arte, Lee Sorensen, 2024. Disponível em: <https://arthistorians.info/arnheimr/>). Acesso em 10 de out. de 2024.

³Dentre as diversas ocupações do alemão Josef Albers, destaca-se sua atuação como professor na Escola Bauhaus em Dessau, Alemanha, em 1925. Seu ensino revolucionou a maneira como as pessoas enxergam as cores e o processo de criação. Com o fechamento da Bauhaus devido à ascensão da Alemanha nazista, Albers se mudou para os Estados Unidos e lecionou na Black Mountain College na Carolina do Norte, instituição educacional focada no ensino de arte, por meio da experimentação. (Fonte: Fundação Josef & Anni Albers, 2023. Disponível em: <https://www.albersfoundation.org/>). Acesso em 10 de out. de 2024).

⁴ Phillip Charles Hallawell é artista plástico, escritor e educador britânico, porém vive no Brasil. Lecionou no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo e, nos anos 1990, foi apresentador do programa “Oficina de Desenho” da TV Cultura, cujo conteúdo resgatava os ensinamentos de seu livro “À mão livre: a linguagem do visual”, publicado em 1994. Hallawell estuda os conceitos de “linguagem visual” e “psicologia da imagem”, e foi o primeiro a introduzir o método científico do

relação entre o corpo e a mente é expressa pelo gesto do desenhista, um impulso humano que mistura a imaginação com a capacidade motora.

Dando continuidade, tanto Edwards quanto Hallawell explicitam que o desenho de observação é o principal meio de compreensão dos elementos da linguagem gráfica, o que Edwards nomeia de “habilidades componentes básicas”. São elas:

A percepção de bordas (ver onde uma coisa termina e outra começa);
A percepção de espaços (ver o que está ao lado e além);
A percepção de relações (ver em perspectiva, em proporção);
A percepção de luzes e sombras (ver as coisas segundo uma graduação de valores);
A percepção da *Gestalt* (ver o todo e suas partes). (Edwards, 2021, p. 27 - 28).

Para exemplificar o desenho de observação como experimentação e como forma de linguagem gráfica, Edwards desenvolveu com os seus educandos diversos métodos que estimulam a percepção visual⁵. Dentre eles, o método do “Desenho Puro de Contornos”, popularmente chamado de “desenho cego”, onde ele é criado sem que o desenhista olhe para o suporte, colocando em destaque a lentidão da observação e da apreensão da cena observada. Além deste, Edwards desenvolveu métodos que abordam: o autorretrato, o desenho de ponta-cabeça, o desenho a partir de espaços negativos e formas positivas e o desenho em perspectiva com um e dois pontos de fuga.

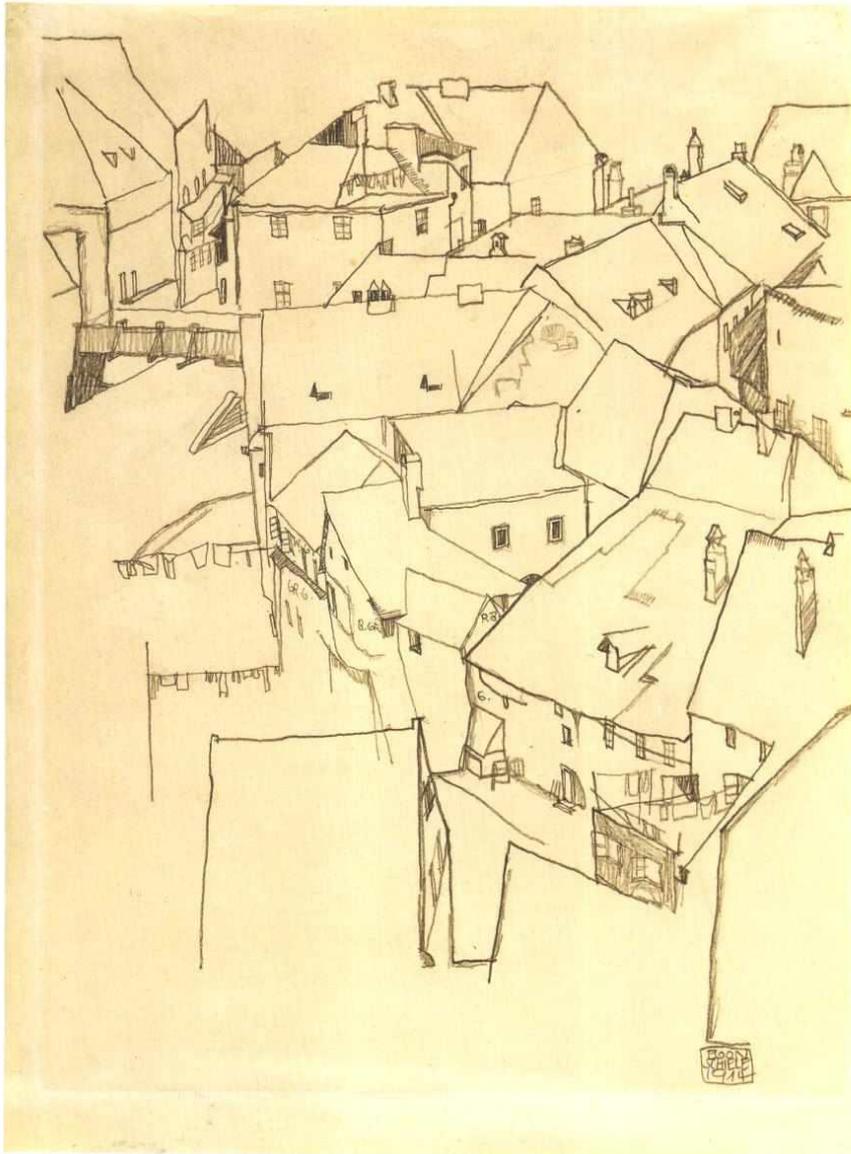
A investigação do mundo físico por meio desses métodos torna evidente a afirmação de Arnheim de que toda observação é uma invenção. Enquanto o desenhista é impulsionado a exercitar as “habilidades componentes básicas” no desenho, a composição gráfica se torna gestos particulares e “imperfeitos”, revelados no processo de percepção visual. Quanto mais houver a prática do desenho, mais familiaridade o desenhista terá em traduzir a observação de forma gráfica, utilizando todos os seus sentidos.

“Visagismo”, uma forma de arte que expressa as qualidades internas de uma pessoa. (Fonte: <https://visagismo.com.br/index.php/pt/>). Acesso em 15 de out. de 2024.

⁵ Edwards estabeleceu métodos de desenho baseados em certas funções cerebrais, de acordo com os hemisférios. Segundo a arte-educadora, “ambos os hemisférios estão envolvidos na cognição humana de alto nível, sendo que cada metade do cérebro é especializada em modos distintos e altamente complexos de raciocínio” (Edwards, 2021, p. 74). Enquanto o hemisfério esquerdo é mais racional, o direito é mais criativo. No entanto, com o avanço científico, comprova-se que tal teoria não é, em totalidade, verdadeira, pois ambos os hemisférios interferem nas atividades humanas.

Para contribuir com a discussão sobre a inventividade no processo de desenhar pela observação e como forma de tradução dos métodos de desenho de Edwards, acrescenta-se na reflexão, o pintor expressionista Egon Schiele (1890 – 1918), que deixou como legado diversos desenhos de observação, marcados pelo protagonismo da linha. De maneira expressiva e contínua, a linha conduz o olhar do observador e cria uma narrativa baseada na experiência com o mundo físico. Os espaços vazios mostram como a composição e os elementos gráficos são frutos de escolhas pessoais e excluem alguns elementos presentes na observação.

Figura 1: Schiele, Egon. Krumauer Stadtviertel. 1914. Desenho de seu caderno de arte.



Fonte: <https://drawingdetail.tumblr.com/post/24678439774/2-crowes-egon-schiele> . Acesso em 25 de dez. de 2024.

A liberdade criativa de Schiele demonstra a familiaridade do pintor com o lápis. É nesse sentido que, segundo Edwards (2021), nota-se o abandono do desenho após a fase infantil, quando a lentidão da prática e da observação é substituída pela busca de resultados pautados pela razão. De forma natural, a criança desenha para contribuir com o seu desenvolvimento e, conseqüentemente, a escassez da prática limita a imaginação e a criatividade, enrijecendo a capacidade motora para desenhar.

Além da importância da constância no desenho e da investigação do mundo físico na infância e na vida adulta, a singularidade de cada desenhista é “moldada pela sua personalidade, sua educação, sua cultura e suas experiências” (Hallawell, 2017, p. 187). Ou seja, a intensidade do traço, as formas, as cores, o enquadramento, entre outros elementos gráficos, são frutos de experiências particulares inseridas em um tempo e um lugar específicos.

Por isso, em suma, o desenho de observação é um recurso de aguçamento da percepção visual e uma atividade de resgate da liberdade expressiva que conduz à criatividade. Na contemporaneidade, se faz necessário pensar o desenho de forma interdisciplinar, uma vez que o desenvolvimento do raciocínio lógico pelas suas “habilidades básicas” pode auxiliar em diversos campos da vida para a resolução de problemas.

Desenho *versus* fotografia

Como visto na seção anterior, a presente dissertação se debruça sobre o desenho de observação como um processo cognitivo para o desenvolvimento humano em geral. Para tanto, nota-se a necessidade da diferenciação entre o processo de desenhar o mundo físico e o ato de fotografar o mundo físico, uma vez que ambas as expressões artísticas contribuem para o aguçamento da percepção visual, capturam um momento vivido e estão presentes na USk.

Segundo Albers (2021, p. 18), com a invenção da fotografia no século XIX e “desde o desenvolvimento dos processos fotomecânicos de reprodução”, a sociedade é exposta a um excesso de imagens de todo o mundo. Os lugares e as obras de arte são reproduzidos em larga escala e em diferentes contextos, devido ao avanço tecnológico.

Nesse sentido, considerando o cenário contemporâneo, segundo o pesquisador Lev Manovich (2015), quando as imagens passam a ser

reproduzidas no meio digital (assim como acontece com as fotografias dos desenhos de observação *in loco* da comunidade de estudo), elas se tornam dados armazenados, isto é, se tornam informações.

É diante dessa conjuntura que a diferença entre a fotografia e o desenho fica evidente. A fotografia praticada pela comunidade de estudo se alia ao pensamento do crítico de arte John Berger⁶ (2005), que defende a ideia do registro fotográfico como a preservação de um momento, feito de forma estática.

Para exemplificar, Ignasi de Solà-Morales em “Terrain Vague” (1995) demonstra como a fotografia é responsável pela construção do imaginário de lugar. Isto é, uma vez que as imagens são informações, a forma como conhecemos o lugar onde moramos e visitamos é mediada pela técnica fotográfica. De forma planejada e mediatizada, ela visa facilitar a compreensão de um lugar ou de uma situação.

Já o desenho, que também é imagem, carrega certa dinamicidade, pois revela seu processo de criação mesmo após executado. Segundo Berger, o desenho “funciona porque, de ponto de partida, tornou-se um local de chegada⁷” (Berger, 2005, p. 44). Ou seja, o indivíduo consegue visitar uma cena retratada e reviver experiências sentidas durante o ato de desenhar. Contém a memória da experiência do olhar e, por isso, é particular de cada indivíduo.

Ressalta-se a liberdade criativa que o desenho carrega e que se difere da fotografia, pois “o desenho de uma árvore mostra, não uma árvore, mas uma árvore sendo vista⁸” (Berger, 2005, p. 43 - 44), consistindo em uma re(a)apresentação da nossa observação. Abaixo, tem-se um exemplo do registro fotográfico enquanto preservação de um momento e contribuição para o imaginário de um lugar. No caso do registro, a imagem do centro histórico de Paraty, no Rio de Janeiro, aliada ao desenho de observação desse mesmo

⁶ John Peter Berger, crítico de arte, pintor e escritor, nasceu em Londres em 1926 e morreu em Paris em 2017. Em 1972, publicou o livro “Modos de Ver”, composto por ensaios e baseado em uma série televisiva de mesmo nome (de sua autoria). Na produção, Berger discorre sobre os processos de criação de imagens. Foi docente na *St Mary's University*, em Twickenham, em Londres. (Fonte: <https://www.fosforoeditora.com.br/autor/john-berger>). Acesso em 15 de out. de 2024.

⁷ Tradução nossa. “*It works because from being a site of departure, it has become a site of arrival*” (Berger, 2005, p. 44).

⁸ Tradução nossa. A drawing of a tree shows, not a tree, but a tree being-looked-at (Berger, 2005, p. 43 - 44).

centro, expressa escolhas gráficas influenciadas pela percepção visual da autora.

Figura 2: Fotografia versus Desenho do centro histórico de Paraty, RJ.



Fonte: Luiza Budahazi, 2024.

I.II. O desenho como processo de conhecimento espacial

Paisagem urbana

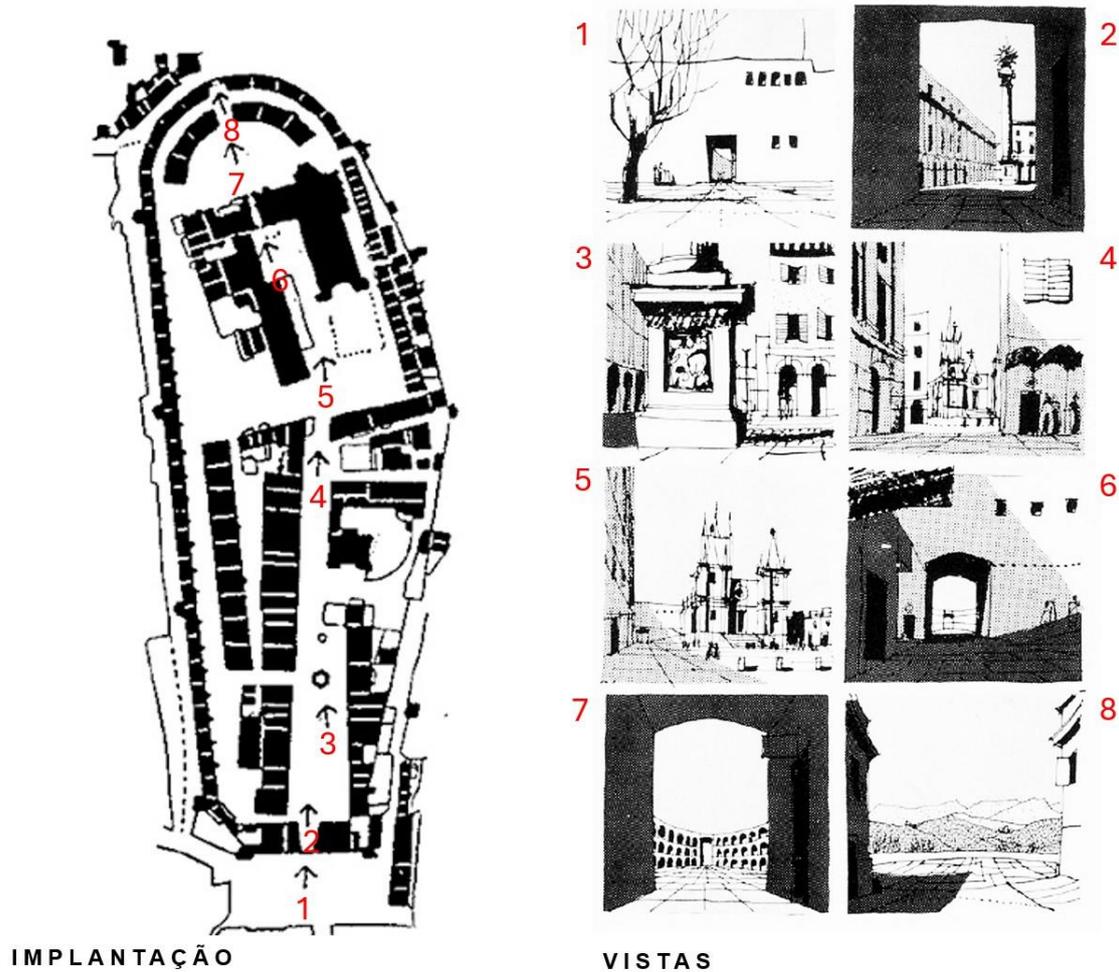
O desenho de observação, a paisagem urbana e a experiência do lugar são fatores fundamentais para a comunidade USk, pois sua atuação é baseada na interação direta com o meio ambiente e seus elementos. O processo de conhecimento dos lugares é traduzido nos desenhos *in loco* (ou desenhos de locação), que constituem narrativas particulares da interação do desenhista com a paisagem.

Na década de 1960, o arquiteto inglês Gordon Cullen (1914 – 1994) trouxe enorme contribuição para a compreensão e análise da paisagem urbana. O teórico associa a percepção dos espaços com os impactos visuais e emocionais que causam nos indivíduos. Nesse sentido, para facilitar a leitura da paisagem, o autor elaborou uma categorização dos temas encontrados. A seguir, para contribuir com a discussão, têm-se alguns exemplos de temas, segundo Cullen.

1. Visão serial:

Consiste em uma sucessão de pontos de vista em um percurso. Os impactos visuais, conquistados por pequenos desvios, saliências ou reentrâncias, são responsáveis por dar vida ao trajeto e induzem a sensação de descoberta (Cullen, 2008).

Figura 3: Visão Serial



Fonte: Cullen (2008), adaptado pela autora.

2. Recintos:

Consiste em largos, pátios ou praças, adaptados à escala humana. São espaços fundamentais para a morfologia e circulação urbana, pois, longe dos veículos, trazem sossego e tranquilidade (Cullen, 2008).

Figura 4: Recintos

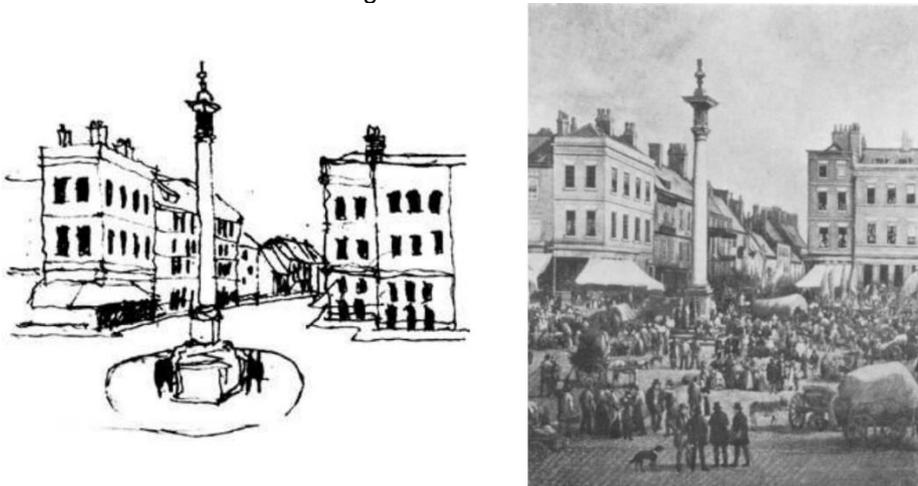


Fonte: Cullen (2008).

3. Ponto focal:

Consiste em um símbolo de convergência, uma força vertical e está associado aos recintos. Geralmente, é um elemento de identificação e confirmação espacial, onde as pessoas afirmam “É aqui” (Cullen, 2008).

Figura 5: Ponto focal

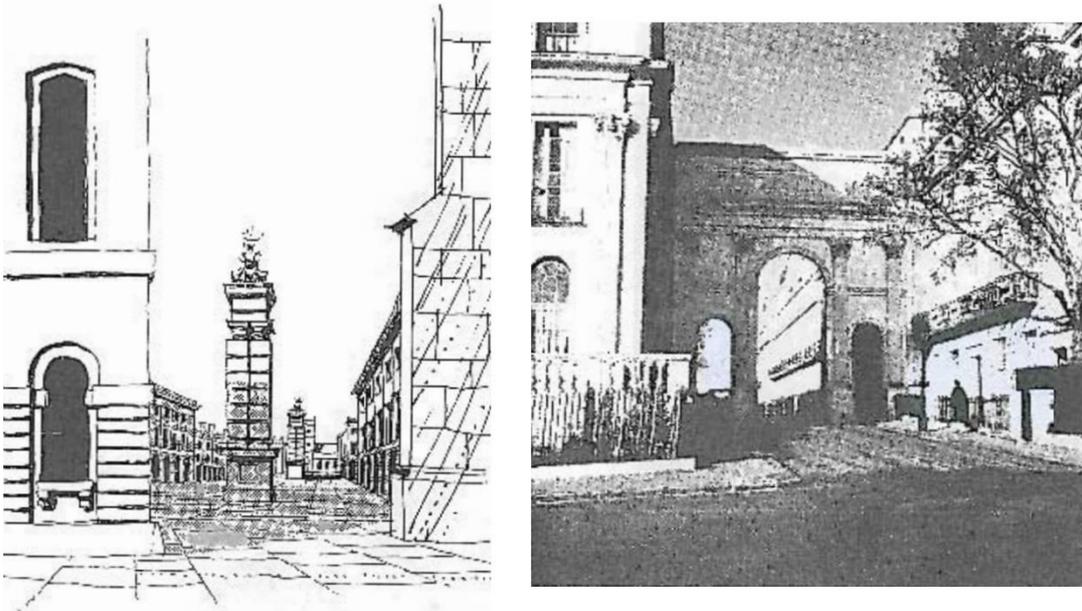


Fonte: Cullen (2008), adaptado pela autora.

4. Aqui e além:

Consiste na contraposição entre o aqui, conhecido, e o além, desconhecido. Marcado pela separação dos espaços, através da focalização, dos desníveis, da perspectiva, dos estreitamentos, das delimitações, entre outros elementos (Cullen, 2008).

Figura 6: Aqui e além

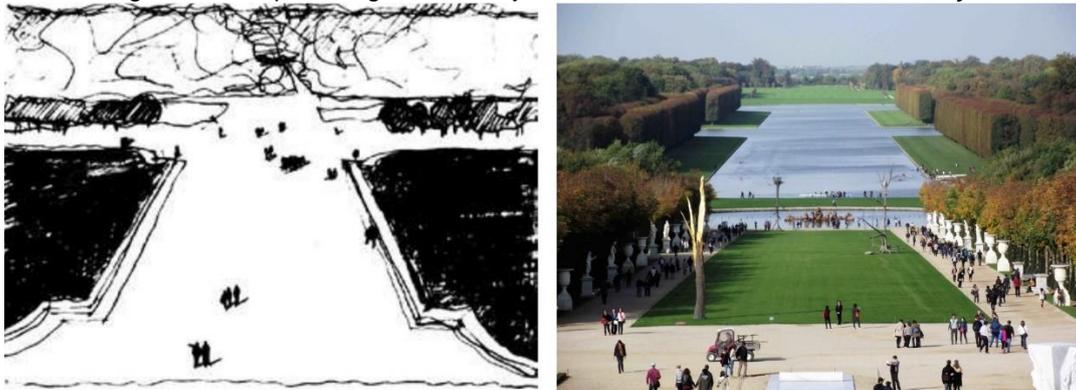


Fonte: Cullen (2008), adaptado pela autora.

5. Perspectiva grandiosa:

Consiste na continuidade entre o aqui e o além, conquistada a partir da perspectiva. Segundo Cullen (2008, p. 43), “[a] ligação do primeiro plano com a paisagem longínqua induz uma sensação de domínio e onipresença”. Geralmente, diz respeito a eixos monumentais.

Figura 7: Perspectiva grandiosa e jardim do Palácio de Versalhes, França

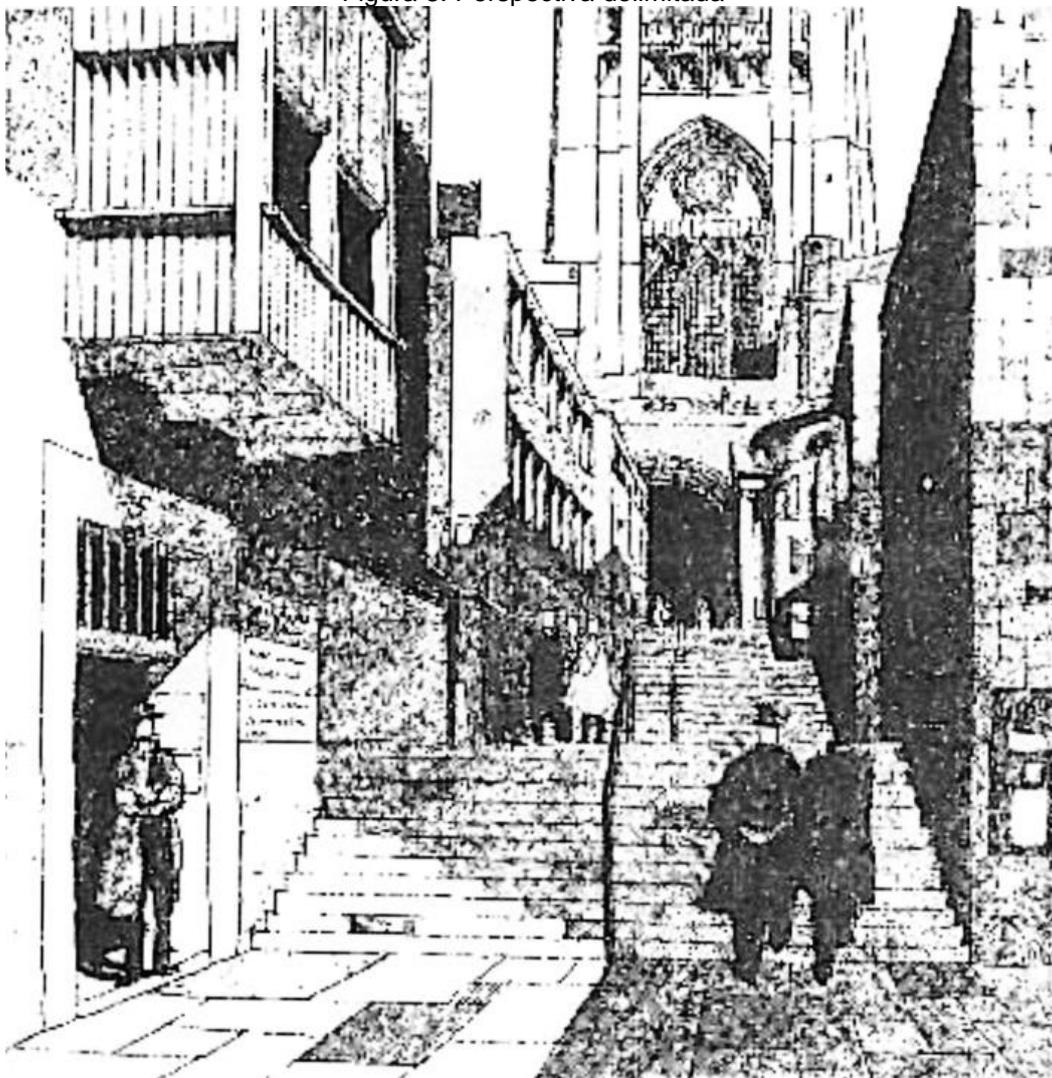


Fonte: Cullen (2008), adaptado pela autora. Disponível em: <https://destinosnotaveis.com.br/jardins-palacio-de-versalhes/>. Acesso em 15 de out. de 2024.

6. Perspectiva delimitada:

Consiste em uma atitude arquitetônica, que visa a focalização de um edifício e o convite à sua contemplação. A perspectiva se encontra limitada pelos elementos urbanos, o que não significa que a sensação de mistério, as saliências, as reentrâncias e as demarcações sejam abandonadas (Cullen, 2008).

Figura 8: Perspectiva delimitada



Fonte: Cullen (2008).

Para além desses exemplos, o arquiteto, em seu livro “Paisagem Urbana”, escrito em 1961, descreve outros temas da paisagem que corroboram para a sua compreensão, sempre acompanhados de desenhos ou fotografias. São eles:

a “apropriação do espaço”, o “território ocupado”, a “apropriação pelo movimento”, o “privilégio e viscosidade”, os “enclaves e recintos”, as “unidades urbanas”, a “paisagem interior e o compartimento exterior”, os “compartimentos e recintos exteriores”, os “edifícios barreiras”, o “espaço intangível”, a “delimitação do espaço”, a “vista para o exterior de um recinto”, a “vista para o interior de um recinto”, a “focalização”, a “truncagem”, os “desníveis”, o “entrelaçamento”, a “silhueta”, a “divisão de espaços”, a “iniciativa local”, a “deflexão”, as “saliências e reentrâncias”, os “acidentes”, a “pontuação”, os “estreitamentos”, a “flutuação e ondulação”, a “delimitação”, a “recessão”, a “expectativa”, o “infinito”, o “mistério”, o “vão insondável”, as “ligações e conexões”, os “caminhos para peões” e as “barreiras” (Cullen, 2008).

Dando continuidade, assim como Cullen descreve os temas dos espaços urbanos, o urbanista norte-americano Kevin Lynch (1918 – 1984) também exerceu grande influência para compreender a imagem da cidade. Segundo o teórico, o meio urbano é estruturado e percebido a partir de cinco elementos. São eles:

- a) Vias: são os canais de movimentação e deslocamento do observador. É a partir das vias que se relacionam os demais elementos. Conforme Lynch (1960, p. 58), consistem em “ruas, passeios, linhas de trânsito, canais e caminhos de ferro”;
- b) Limites: são elementos lineares que servem de fronteiras, barreiras ou costuras entre duas regiões. Funcionam como referências secundárias e são considerados organizadores. Conforme Lynch (1960, p. 58), consistem em “costas marítimas ou fluviais, cortes do caminho de ferro, paredes e locais de desenvolvimento”;
- c) Bairros: são regiões urbanas médias ou grandes, penetráveis pelo observador, que se conecta com o espaço mentalmente, através do sentimento de comunidade e de identidade. A cidade é estruturada pelos bairros (Lynch, 1960).
- d) Cruzamentos: são pontos estratégicos da cidade onde o observador, que circula pelas vias, pode entrar. Considerado um símbolo para o bairro pelo seu caráter de centro polarizador, isto é, de núcleo. Conforme Lynch (1960, p. 58 – 59), consistem em “junções, locais de interrupção num transporte, um entrecruzar ou convergir de vias, momentos de mudança

de uma estrutura para a outra (...) a esquina de uma rua ou um largo rodeado de outros elementos”. Associado à Cullen (2008), os cruzamentos podem abrigar pontos focais;

- e) Pontos marcantes: são considerados referências, pontos de evidência na paisagem, porém, diferentemente dos cruzamentos, consistem em objetos físicos onde o observador não pode entrar. Podem ou não se situar dentro da cidade e exercer a função de símbolo de direção, identidade e estrutura. Conforme Lynch (1960, p. 59), consistem em “torres isoladas, cúpulas douradas, colinas extensas, (...) o Sol, (...) fachadas de lojas, árvores” entre outros elementos urbanos.

Com base nisso, é possível perceber que tanto Cullen quanto Lynch descrevem o conceito de paisagem urbana em consonância com a experiência e a percepção visual do indivíduo. Sendo assim, a dinamicidade dos espaços urbanos, quanto à estrutura e funcionamento, deve-se ao acúmulo de experiências em um determinado contexto espacial e temporal, conforme explica o geógrafo Roberto Verdum (2012). A leitura da paisagem é facilitada pela prática do desenho, pois, como dito anteriormente, as “habilidades componentes básicas” auxiliam em diversos exercícios da vida cotidiana citadina.

Desenho do arquiteto

Após compreendido o conceito de paisagem urbana, faz-se necessário uma breve apresentação acerca do desenho do arquiteto, um recurso valioso de conhecimento espacial que possui forte relação com a comunidade de estudo, uma vez que muitos de seus integrantes têm formação na área (assim como será abordado no capítulo referente à USk Campinas).

A título de esclarecimento, antes de adentrar na apresentação, sabe-se que o desenho arquitetônico pode ser um instrumento técnico de representação espacial para a realização de projetos arquitetônicos e urbanísticos, conforme normatizado na ABNT NBR 6492 (2021). No entanto, a presente seção se debruça sobre o croqui arquitetônico, uma fonte de compreensão do espaço e de seus elementos, associado à experiência visual particular de cada indivíduo (Cidade, 2007).

Segundo Leandro Schenk (2010), o croqui arquitetônico revela parte da imaginação do arquiteto enquanto estabelece relações espaciais. O gesto é

atitude e pensamento, consistindo em uma extensão do indivíduo, por isso, assim como explorado na seção “Desenho de Observação”, desenhar exige prática e aguçamento do olhar. É nesse sentido que, o domínio do desenho técnico e da atividade projetual em arquitetura está condicionado a prática de investigação do mundo por meio do desenho de observação.

Diante disso, segundo os arquitetos Vizioli, Medeiros, Castral e Lancha (2020, p. 8)⁹, na apresentação da coletânea por eles organizada, o desenho pode ser definido como “uma linguagem, enquanto sistema de signos que serve de meio de comunicação de ideias”, condicionado pelo tempo e pelo espaço. Opera como um processo de investigação, onde a representação busca capturar as diferentes formas, texturas e impressões do meio ambiente ou da elaboração projetual.

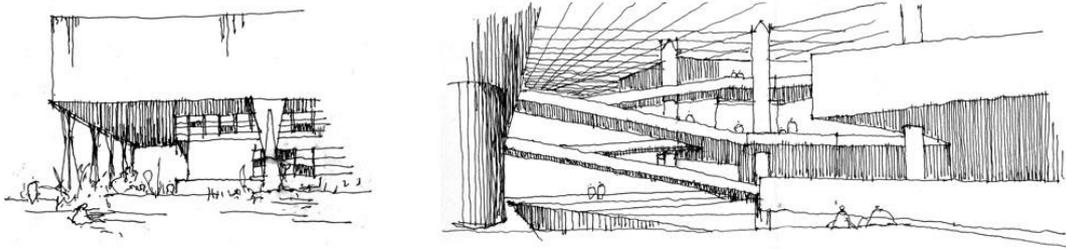
Contudo, tal investigação do mundo pelo arquiteto não fica restrita a contemplação e, muito menos, ao lápis e papel, pois de acordo com Flávio Motta (1975) o desenho se aproxima do movimento, “uma espécie de lançar-se para frente”, a partir das preocupações do mundo. Segundo Motta, o desenho carrega dois significados semânticos: um deles associado ao “fazer”, objetivo, de caráter bidimensional e com fins utilitários. O segundo significado está associado ao *design*, de caráter pluridimensional, fruto de um desígnio/ desejo humano e que nos conduz a emancipação.

Em consonância com o pensamento de Motta, o arquiteto Vilanova Artigas (1975) equipara o desenho como uma forma de arte de natureza propriamente humana e que não está associada à vocação, mas sim, à observação, à investigação e à prática. Define o desenho como linguagem, forma de pensamento e principalmente, como forma de ideação. A prática do desenho contribui para a obtenção de repertório, para o desenvolvimento do processo criativo do arquiteto e, conseqüentemente, para a criação de novos símbolos culturais.

⁹ Simone Helena Tanoue Vizioli, Givaldo Luiz Medeiros, Joubert José Lancha e Paulo César Castral fazem parte do Núcleo de Pesquisa em Estudos de Linguagem em Arquitetura e Cidade (N.ELAC-IAU.USP) e foram os organizadores da coletânea de artigos chamada “O desenho na história: a arte, o instrumento e a mão”. A coletânea consiste em uma cooperação entre o Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU.USP) e o Politecnico di Milano - Polo Mantova (POLIMILI). Coletânea disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/528/466/1797>. Acesso em 11 de set. de 2024.

Abaixo, têm-se dois exemplos de desenhos na forma de croquis, esboços rápidos e gestuais, feitos à mão pelo arquiteto Artigas. O primeiro diz respeito à transcrição de uma ideia para o papel, em que a intenção espacial resulta em uma continuidade do próprio indivíduo. O gesto do croqui é acompanhado de texturas, para representar as diferentes superfícies, do uso da escala humana, para estabelecer relações de proporção e do uso da perspectiva, para dar a noção de profundidade. Já o segundo diz respeito à investigação do mundo pelo desenho, a partir do uso de cores e proporções, possuindo uma natureza essencialmente humana, que revisita a liberdade criativa de uma criança.

Figura 9: Croqui de Vilanova Artigas da FAUUSP



plataforma
arquitectura

Fonte: Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/01-12942/classicos-da-arquitetura-faculdade-de-arquitetura-e-urbanismo-da-universidade-de-sao-paulo-fau-usp-joao-vilanova-artigas-e-carlos-cascaldi/12942_12945 . Acesso em 05 de nov. de 2024.

Figura 10: “Desenho do Vovô”, desenho que Vilanova Artigas realizou junto ao neto



Fonte: Acervo Museu da Casa Brasileira. Disponível em: <https://mcb.org.br/pt/pt/programacao/exposicoes/painel-expositivo-vilanova-artigas-a-mao-livre-do-vovo/>. Acesso em 03 de set. de 2024.

I.III. O desenho dos viajantes

As seções anteriores se dedicaram a explicar o desenho de observação como um processo de desenvolvimento cognitivo e de compreensão espacial. Visto isso, a presente seção se dedica a exemplificar tais processos, a partir de figuras significativas na história ocidental, para o ensino do desenho. A seleção reuniu figuras que praticavam o desenho de observação da paisagem, feito *in loco* e durante suas viagens, como fonte de estudo e investigação da realidade que os cercavam.

Não obstante, a seleção tem em vista equiparar a atividade de tais figuras com a atividade praticada pela *Urban Sketchers*, que utiliza o caderno/ diário gráfico para a investigação do mundo físico. Em um primeiro momento, tem-se o mestre de obras medieval Villard de Honnecourt, responsável por disseminar a técnica construtiva do estilo gótico pelo território europeu. Seus grafismos em pergaminhos e suas andanças contribuem para compreender a influência do desenho e sua potência como documentação da tradição.

Em um segundo momento, tem Jean-Baptiste Debret, pintor francês que veio ao Brasil em 1816 com a Missão Artística Francesa e foi responsável por retratar o cotidiano carioca durante o período colonial e escravocrata. Seus desenhos e aquarelas contribuem para o entendimento da história da época e dos costumes sociais. Por fim, em um terceiro momento, tem-se Le Corbusier, arquiteto do Modernismo que, para adquirir repertório arquitetônico, viajou pela Europa e realizou diversos desenhos de estudo da paisagem, dos edifícios e dos monumentos históricos, o que, posteriormente, serviu de inspiração para o desenvolvimento da arquitetura moderna.

Villard de Honnecourt

Marcada pelo abandono da cultura greco-romana, a Idade Média foi um período que se dedicou aos padrões teocêntricos de pensamento. Para tanto, as escolas monásticas e, posteriormente, os mosteiros eram as instituições educacionais existentes que se dedicavam às atividades intelectuais.

Do ponto de vista da produção artística, as ilustrações de manuscritos eram realizadas pelos membros eclesiásticos (Proença, 2005). Em contraposição à terminologia humanista que atribui ao período medieval como a “Idade das Trevas”, associada ao suposto atraso em relação ao desenvolvimento de práticas culturais, a dissertação resgata a contribuição do mestre de obras Villard de Honnecourt. As obras desse mestre francês são relevantes para o entendimento da arquitetura e da arte deste período, especialmente por meio de seus desenhos de observação que correspondem ao “registro de procedimentos práticos para a obtenção de elementos arquitetônicos, esquemas geométricos para facilitar o desenho de figuras e até receitas para ferimentos que possivelmente ocorressem no canteiro de obras” (Fonseca, Vizioli, 2014, p. 479).

Nascido na Picardia, na Europa Central, no século XIII, Honnecourt produziu registros durante suas andanças pelo território europeu. A consulta dos desenhos para a dissertação foi encontrada no livro “Estudos de iconografia medieval: o caderno de Villard de Honnecourt, arquiteto do século XIII”, de Eduardo Carreira, em que suas anotações correspondem a 33 folhas de pergaminho de dimensão de 16 x 25 centímetros. Atualmente, são encontradas na Biblioteca Nacional de Paris, no Departamento de Manuscritos sob o dígito 19093/ Fonds Français.

Para contextualizar, o final do século XII foi marcado por inovações construtivas que caracterizaram o estilo arquitetônico gótico medieval. Tais soluções conferiam às construções mais altas por meio do arco ogival, arcobotante, contrafortes externos e torres pontiagudas. Os vitrais, elementos ornamentais comumente localizados nas rosáceas das catedrais góticas, conferiam dramaticidade e maior entrada de luz para as construções.

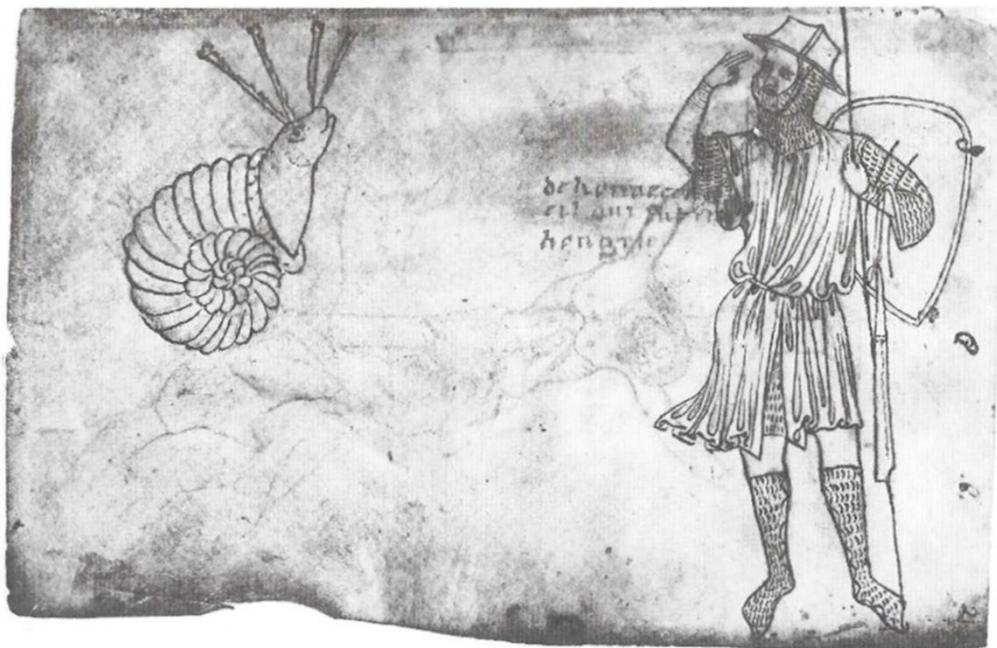
É nesse contexto que, segundo Fonseca e Vizioli (2014, p. 479), os desenhos bidimensionais das soluções construtivas das edificações góticas eram realizados no canteiro de obras, nas superfícies ali disponíveis, aliados a imprecisas anotações escritas, o que reforça o caráter oral e geracional que a transmissão de conhecimento adquire na época.

Nota-se que, com Honnecourt, para além desse aspecto, suas minuciosas observações e desenhos de objetos e cenas cotidianas davam “notícias diretas do hábito das ruas, configurando-se mais uma vez como uma fonte ímpar, nesse caso sobre a vida cotidiana fora do ambiente eclesiástico” (Carreira, 1997, p. 12)

e eram organizados em uma espécie de caderno diário, pois “Todo caderno é, assim, um ir e vir de lembranças e de informações técnicas colhidas aleatoriamente no exercício da prática de um ofício poliforme” (Carreira, 1997, p. 154).

As figuras abaixo constituem exemplares de desenhos feitos pelo *magistrum operum*. É importante salientar que o ensino do desenho praticado na Idade Média, por ser voltado para fins religiosos e a ilustração de manuscritos, não seguia a lógica da perspectiva linear, bem como aqueles dotados de formas orgânicas e simplificadas, que conferem condição simbólica à representação dos elementos da paisagem (Peixoto, 2013, p. 35).

Figura 11: Iconografia medieval de Honnecourt (lâmina 2).



Fonte: Carreira, 1997.

Figura 12: Iconografia medieval de Honnecourt (lâmina 6 verso).

Lâmina 6 verso



Fonte: Carreira, 1997.

Jean-Baptiste Debret

No Brasil, o início do século XIX foi marcado pela vinda da família real portuguesa à cidade do Rio de Janeiro com o objetivo de escapar do conflito entre a França de Napoleão Bonaparte e a Inglaterra. A mudança da capital impulsionou profundas reformas sociais, econômicas e culturais na sociedade, em que a “tendência europeizante da cultura da colônia se afirma ainda mais com a chegada da Missão Francesa” no ano de 1816 (Proença, 2005, p. 210).

A expedição organizada por Joachim Lebreton (1760 – 1819), contou com cerca de quarenta intelectuais franceses bonapartistas e, em especial aqueles que interessam para a reflexão teórica da pesquisa, os pintores de paisagem: Nicolas-Antoine Taunay, Jean-Baptiste Debret e Auguste-Henri-Victor Gradjean de Montigny. A motivação por trás da expedição se deve pela necessidade de exílio dos intelectuais perante a queda de Napoleão (Trevisan, 2007).

No panorama artístico, a Missão foi responsável pela superação da arte barroca, produção cultural anterior de caráter veemente nacional, uma vez que os intelectuais franceses foram ensinados sob a ótica das teorias neoclassicistas, movimento que resgata valores da cultura greco-romana.

Foi a partir da Missão que, em 1816, D. João VI inaugurou a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios no Rio de Janeiro, posteriormente chamada de Imperial Academia e Escola de Belas-Artes. Jean-Baptiste Debret (1768 – 1848) ministrava o curso de Pintura Histórica (Trevisan, 2007). Contudo, para além de sua contribuição como docente e propagação de um ensino acadêmico artístico, Debret contribuiu para a construção da imagem nacional e para a divulgação dos costumes da sociedade brasileira pela Europa.

Ressalta-se que essa imagem provém do europeu, considerado “civilizado” para a época, enquanto o modo de vida no Brasil era visto como selvagem e pitoresco. Isso impulsionou o artista a realizar inúmeros registros de suas observações da paisagem urbana e natural do Rio de Janeiro, organizando sua experiência de 15 anos na coletânea *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil* (traduzido para o português como “Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil”).

A coletânea se configura como um testemunho histórico do contexto social e cultural brasileiro, durante o período de mudança da estrutura social, que passa de Brasil Colônia para Império. A herança construtiva portuguesa, a paisagem

da serra do mar, bem como o hábito das ruas cariocas em meio à sociedade aristocrata e escravocrata, é perceptível em seus desenhos.

Figura 13: Desenho da paisagem do Rio de Janeiro, de Jean-Baptiste Debret. “(1) *Vue de la Ville de Rio de Janeiro preise du Convent de Sa. Bento*”. Século XIX. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.



Fonte: História do Rio para todos. Disponível em: <https://historiadorioparatodos.com.br/timeline/missao-artistica-francesa/>. Acesso em 19 de mar. de 2024.

No entanto, além da coletânea, Debret deixa como herança um caderno de esboços de 64 páginas, desenhado nas calçadas brasileiras a partir da observação direta do mundo físico. Atualmente, se encontra na Biblioteca Nacional de Paris, porém, a consulta do material usado para a dissertação se encontra no livro “Jean-Baptiste Debret: Caderno de Viagem”, com texto e organização de Julio Bandeira (2008).

Figura 14: Desenhos do Caderno de Viagem de Jean- Baptiste Debret.



Legenda: À esquerda: aquarela retratando a vida nas ruas. À direita: Debret trabalhando, 1816. Fonte: Julio Bandeira (2006).

Le Corbusier

Charles-Édouard Jeanneret, conhecido como Le Corbusier (1887 – 1965), foi um arquiteto do século XX que contribuiu fortemente para o desenvolvimento

da arquitetura moderna europeia. Seus pensamentos inovadores são visíveis desde a fase de concepção projetual, nas investigações incansáveis de desenhos que buscavam solucionar o viver moderno.

Contudo, a formação de arquiteto não veio de imediato. Segundo a arquiteta Pita (2003), Le Corbusier se formou na Escola de Belas Artes de La Chaux-de-Fonds, localizada na Suíça, onde o ensino de desenho era voltado para as artes aplicadas, isto é, uma modalidade artística que visa a criação de objetos que contribuíssem para o cotidiano dos indivíduos.

Grande parte de sua formação era dedicada ao exercício de cópia e observação dos elementos da natureza, que subsidiaram o desenho de ornamentos. No entanto, foi a partir do incentivo do professor L'Eplattenier em ampliar o campo de atuação do jovem estudante, que Jeanneret realizou viagens pelo território europeu para conhecer e investigar as produções arquitetônicas. Seu trajeto inclui: Itália, Viena, Paris, Suíça, Alemanha e Itália novamente (Pita, 2003).

A viagem de Le Corbusier para investigar a arquitetura e, dessa maneira, ampliar sua formação cultural, foi estruturada por meio do desenho de observação. Conforme o arquiteto Lancha:

[d]esse conjunto de desenhos é possível identificar dois grupos; um primeiro grupo onde os desenhos de observação são realizados de forma bastante livre na página, são desenhos especulativos onde aparecem muitos textos explicativos, anotações dos elementos observados e pesquisados, esses em sua maioria observam espaços arquitetônicos, edifícios e seus detalhes (...). Um segundo grupo é formado por aqueles desenhos que, podem demandar um tempo maior para a sua elaboração. Desenhos aos quais, além das preocupações com relação ao objeto observado, escolha de um ângulo de enquadramento, e apreensão da riqueza dos detalhes; também se somavam preocupações referentes à composição do desenho na própria página. Desenhos construídos para posteriormente serem cobertos com aquarela, desenhos onde as únicas anotações são quase sempre para nomear o lugar observado e a temática é mais ampla: paisagem, escultura e as pinturas observadas, a arquitetura e muitas vezes seus detalhes (Lancha, 2006, p. 63).

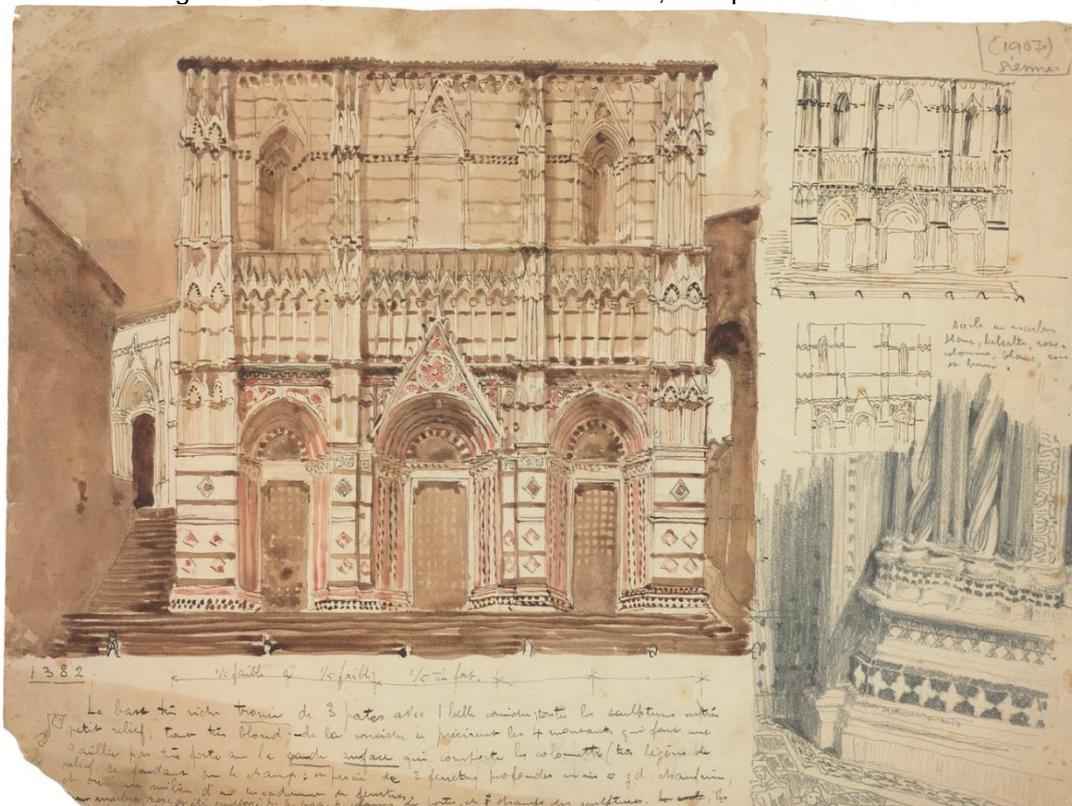
As figuras abaixo mostram, respectivamente, os dois tipos de desenho de Le Corbusier identificados por Lancha. O primeiro, um desenho da Acrópole de Atenas, feito de maneira livre. O segundo, um desenho do Batistério de Siena, que foi necessário um maior tempo de elaboração, anotações e pintura.

Figura 15: Desenho da Acrópole de Atenas, feito por Le Corbusier



Fonte: Acervo Fondation Le Corbusier. Disponível em: <https://www.fondationlecorbusier.fr/en/biography/1907-1911/>. Acesso em 04 de set. de 2024

Figura 16: Desenho do Batistério de Siena, feito por Le Corbusier



Fonte: ArchDaily. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/904432/desenhando-na-estrada-a-historia-das-viagens-do-jovem-le-corbusier-pela-europa>. Acesso em 04 de set. de 2024.

Nota-se a similaridade da atividade de Le Corbusier durante a sua viagem pela Europa com a atuação da comunidade de estudo. Ambos utilizam o desenho como fonte de conhecimento espacial, capturam as superfícies das construções arquitetônicas detalhadamente, apreendem os elementos da paisagem para perceber contrastes, volumetrias, estruturas, jogos de luz e sombra, entre outros elementos. De modo complementar, percebe-se que os desenhos refletem um tempo, um lugar e uma sociedade específicos; no entanto, sua expressão gráfica é particular, resultante da experiência e percepção visual do autor.

I.IV. O desenho como narrativa social

É com base nisso, em suma, que o capítulo se dedicou a compreender o desenho de observação da paisagem como uma forma de linguagem, um impulso humano para a comunicação, que envolve processos cognitivos e que busca conhecer o espaço que nos rodeia, de forma detalhada e pessoal.

Por ser uma expressão que exige prática, o desenho é um aprendizado constante, que conduz ao aguçamento da percepção visual e a uma nova postura perante o cotidiano. Apreender os elementos do mundo físico e perceber as interações sociais que ocorrem no espaço urbano permitem que o desenhista expresse graficamente sua visão de mundo e o conceba em constante transformação, levando a novos patamares de compreensão da sua existência.

O fazer diário garante uma linguagem única, dotada de liberdade criativa, assim como foi explorado acima com os viajantes. Além disso, o desenho de observação é uma forma de documentar os eventos cotidianos e, por mais banais e singelos que possam parecer, demonstram hábitos culturais de uma comunidade em um determinado tempo e espaço. A pluralidade de visões de mundo registrados pelo desenho corrobora para a construção da história e constitui os pilares da narrativa social.

II. **URBAN SKETCHERS: UMA COMUNIDADE GLOBAL DE DESENHISTAS**

Como visto no capítulo anterior, descrever a cidade por meio do desenho de observação é uma prática capaz de nos fazer questionar o conhecimento que temos do mundo e de nós mesmos. Assim como defende Campanario (2012) e Thorspecken (2014), tal ação transforma o desenhista em um “repórter cidadão”, que documenta histórias do cotidiano e as alterações da paisagem da cidade, consistindo em um ato político de valorização da função social do espaço urbano.

Por ser uma expressão que exige hábito e persistência, o fazer diário possibilita que o desenhista crie um vínculo maior entre o lugar, seus habitantes e seu próprio processo criativo. O exercício em comunidade potencializa o estabelecimento de tais vínculos socioespaciais e a manifestação da pluralidade humana, assim como defende a pedagoga Rita Furtado (2012). Não obstante, movimentos de desenho urbano que têm ganhado força na contemporaneidade.

A unificação de pessoas em torno de comunidades que compartilham interesses em comum, proporcionada pelo advento do espaço virtual, permite que pessoas geograficamente distantes possam trocar experiências acerca de suas culturas e seus modos de vida.

Dentre as manifestações artísticas contemporâneas que se aventuram no desenho de rua em comunidade, tem-se o coletivo *SketchCrawl*¹⁰, surgido no ano de 2004 nos Estados Unidos, que promove eventos de desenho de locação, organizados *online*.

Além disso, no contexto brasileiro, tem-se o coletivo “Croquis Urbanos” inserido no projeto “Memória Urbana”¹¹, iniciativa da antropóloga Zulmara Posse e da arquiteta e urbanista Elizabeth Castro, que visa “compartilhar a vasta documentação arquitetônica, histórica, fotográfica e cartográfica de Curitiba e do Paraná” (Memória Urbana, 2024). Os croquis são realizados na cidade de

¹⁰ De acordo com o site *SketchCrawl* (disponível em: <https://www.sketchcrawl.com/>. Acesso em 20 de set. de 2024), o coletivo global esteve ativo até 5 de dezembro de 2023, dia em que realizou o seu 82º encontro de desenho urbano. O objetivo é reunir pessoas interessadas no desenho de observação *in loco*, feito na rua e em comunidade.

¹¹ O site “Memórias Urbanas” (disponível em: <https://www.memoriaurbana.com.br/>. Acesso em 20 de set. de 2024) se dedica a compartilhar resultados de pesquisas acadêmicas ligadas às áreas de antropologia, arquitetura e urbanismo, desenvolvidas na Universidade Federal do Paraná.

Curitiba, aos domingos, em grupo de desenhistas e, posteriormente, são postados no site para compor a documentação.

Os coletivos são diversos, no entanto, para adentrar no estudo da pesquisa, tem-se a comunidade *Urban Sketchers (USk)*, que pratica o desenho de observação de ambientes urbanos segundo o lema do fundador “*Show the world, one drawing at a time*” (Campanario, 2012), que segundo a antropóloga Karina Kuschnir,

[a] expressão “show the world” não quer dizer apenas “mostrar o mundo”, e sim explorar e conhecer este mundo, como as muitas traduções do verbo “to show” explicitam: “apresentar, revelar, manifestar, expor, marcar, dar provas de realçar, atestar, salientar, deixar ver, fazer compreender, demonstrar, tornar visível (Kuschnir, 2012, p. 297).

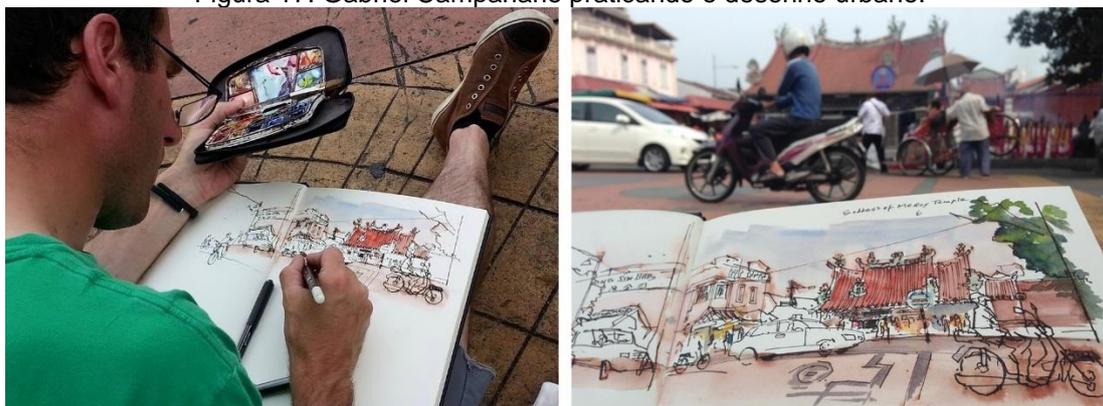
Os integrantes da comunidade, também chamados de *sketchers*, se reúnem em locais da cidade para praticar o desenho e compartilham suas experiências nas redes sociais digitais. Desse modo, o objetivo do presente capítulo envolve descrever o surgimento e funcionamento, bem como analisar o caráter global, virtual e heterogêneo desta comunidade.

II.I. A criação da comunidade

O coletivo *Urban Sketchers (USk)* se originou na cidade de Seattle – WA, nos Estados Unidos, pela iniciativa do jornalista e ilustrador Gabriel Campanario, também conhecido como “Gabi”. No início dos anos 2000, o jornalista, nascido na Espanha e naturalizado nos Estados Unidos, trabalhava no “Seattle Times” e buscava conhecer a sua nova cidade por meio de desenhos feitos em um pequeno caderno (Costa, 2018). Conforme defende o historiador Valgas¹² (2019), os *sketchs* têm o intuito de “produzir um registro de memória, mas também elaborando registros cotidianos”.

¹² O historiador brasileiro Paulo Henrique Tôres Valgas cursa doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pertencendo a linha de pesquisa “História da Historiografia, Arte, Memória e Patrimônio”. Possui especialização em História da Arte (2014) pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). É mestre em Artes Visuais/Teoria e História da Arte pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Sua pesquisa possui ênfase no movimento contemporâneo *Urban Sketchers*. (Fonte: Currículo Lattes, dados retirados em 07 de jan. de 2025).

Figura 17: Gabriel Campanario praticando o desenho urbano.



Fonte: Fonte: Cole Art Studio. Disponível em: <https://coleartstudio.com/travel-sketching-workshop-w-gabriel-campanario>. Acesso em 05 de nov. de 2024.

De acordo com Valgas (2019), foi em 2007 que Campanario decide compartilhar seus registros pessoais no *Flickr*, um site de repositório e compartilhamento de imagens que fornece um *terabyte* de armazenamento gratuito e que possibilita a criação de fóruns e comunidades online. No caso, o *Flickr* serviu para agrupar artistas locais que praticavam o desenho de locação atrelado ao relato de suas experiências. A comunidade adquiriu notoriedade e a adesão dos membros cresceu, o que impulsionou a criação do blog *Urban Sketchers* no ano de 2008¹³. O crescimento do coletivo esteve, e ainda hoje está atrelado ao interesse que as pessoas adquirem em desenhar na rua e compartilhar sua arte fora do sistema tradicional.

A comunidade passou a ser uma organização sem fins lucrativos em 2009, contando com um corpo diretivo e um conselho administrativo, determinando sua missão: “elevar o valor artístico, narrativo e educativo do desenho no local, promovendo a sua prática e ligando pessoas em todo o mundo que desenharam no local onde vivem e viajam” (*Urban Sketchers*, 2024). Desde o início do movimento, os integrantes possuem comportamentos em comum, responsáveis por caracterizar o coletivo, tais como: desenhar na rua e possuir um blog pessoal dedicado ao compartilhamento desses desenhos.

Organizado com base em camadas (local, nacional e global), o coletivo possui um grupo pioneiro formado na cidade de Seattle, responsável por

¹³ As informações cronológicas sobre o surgimento e expansão do coletivo USk são disponibilizadas no site oficial, disponível em: <https://urbansketchers.org>. Acesso em 05 de nov. de 2024.

gerenciar a atuação dos demais grupos. As camadas correspondem aos grupos nacionais, como o caso do USk Brasil, e aos grupos regionais, como o caso do USk Campinas, os quais representam municípios ou agrupamento de regiões próximas.

Por não possuir fins lucrativos, é possível que tanto os integrantes quanto as pessoas de fora realizem doações e se tornem patrocinadores, ações que contribuem para a realização de *workshops* e eventos de desenho. Para tanto, a comunidade oficial incentiva que os grupos estabeleçam parcerias com instituições comunitárias locais, tais como: organizações municipais, centros culturais e escolas. Ademais, a comunidade tem um Programa de Subsídios para Eventos Regionais, que fornece \$2.000 (USD) através de inscrição e sorteio, para os grupos poderem promover os Encontros Regionais e Nacionais (*Urban Sketchers*, 2024).

De acordo com o site oficial, o coletivo é composto por um Conselho Executivo, renovado em janeiro de 2024, composto pela estadunidense Genine Carvalheira, que ocupa o cargo de presidente e é *designer* de interiores e industrial. Pelo brasileiro natural de São Paulo, Ronaldo Kurita, que ocupa a vice-presidência da comunidade global e atua como arquiteto paisagista. Pelo estadunidense Kris Mordacai, o qual é tesoureiro, artista e profissional de operações e finanças.

O Corpo Diretivo é formado: pelo diretor de eventos neozelandense Eric Ngan; pela diretora de educação Annette Morris, artista e professora britânica que vive na França; pela diretora de comunicação Maria Regina Tuazon que é percussionista e *designer*; e pelo diretor de patrocínio Mohan Banerji, desenhista indiano naturalizado britânico. Como secretária, tem-se a canadense Shilpi Gupta, cientista, autora e artista. De modo geral, nota-se o aspecto multidisciplinar da liderança do grupo e a prevalência por membros do norte global.

II.II. O Manifesto com os valores e as visões

Assim que o USk passou a ser uma “organização sem fins lucrativos”¹⁴ no final da década de 2010, houve a necessidade da criação de um manifesto que

¹⁴ A organização sem fins lucrativos é prevista pelo Código da Receita Federal 501 (c) dos Estados Unidos. Este código isenta as associações sem fins lucrativos de impostos federais.

indicasse os valores e as visões do grupo, a fim de mobilizar um grande público acerca da modalidade de desenho praticado entre os integrantes.

Originalmente escrito em língua inglesa, o manifesto é uma espécie de guia utilizado ao redor do mundo e disponibilizado no site oficial e nas redes sociais dos grupos regionais. O texto contém oito valores a respeito da interação do desenhista com o espaço urbano, evidenciando o caráter jornalístico, investigativo e pessoal, bem como a necessidade do apoio virtual para o compartilhamento das experiências locais vivenciadas no meio físico:

1. Nós desenhamos no local, dentro ou fora, capturando o que vemos a partir da observação direta;
2. Nossos desenhos contam a história de nosso entorno, dos lugares em que vivemos e para onde viajamos;
3. Nossos desenhos são um registro de tempo e lugar;
4. Somos verdadeiros nas cenas que testemunhamos;
5. Usamos qualquer tipo de mídia e prezamos nossos estilos individuais;
6. Apoiamo-nos uns aos outros e nos unimos;
7. Compartilhamos nossos desenhos online;
8. Mostramos o mundo, um desenho de cada vez. (*Urban Sketchers*, 2024).

II.III. A formação de um grupo regional

A criação do grupo oficial em Seattle impulsionou a fundação de diversos grupos regionais¹⁵ pelo território norte-americano e pelo mundo, compostos por pessoas interessadas em praticar o desenho na rua e em comunidade. As exigências necessárias para a formação de um grupo regional consistem no cumprimento dos valores, na determinação de no mínimo 3 coordenadores locais, na necessidade de uma localização geográfica e de uma plataforma de divulgação de informações, eventos e publicação dos desenhos dos membros locais.

O site oficial do USk disponibiliza as Diretrizes para os Grupos Regionais e um formulário de inscrição para análise e aprovação pelo Corpo Diretivo. Para não haver um número excessivo de grupos regionais e, conseqüentemente, para

Dentre as exigências do estatuto desse tipo de organização, e que se relacionam com a comunidade *Urban Sketchers*, se encontram: a criação de uma sede, ter uma fonte de capacitação de recursos para a associação, formação de uma gestão administrativa e possuir direitos e deveres dos associados. Informações disponíveis em: <https://www.irs.gov/pub/irs-pdf/p557.pdf>. Acesso em 25 de set. de 2024.

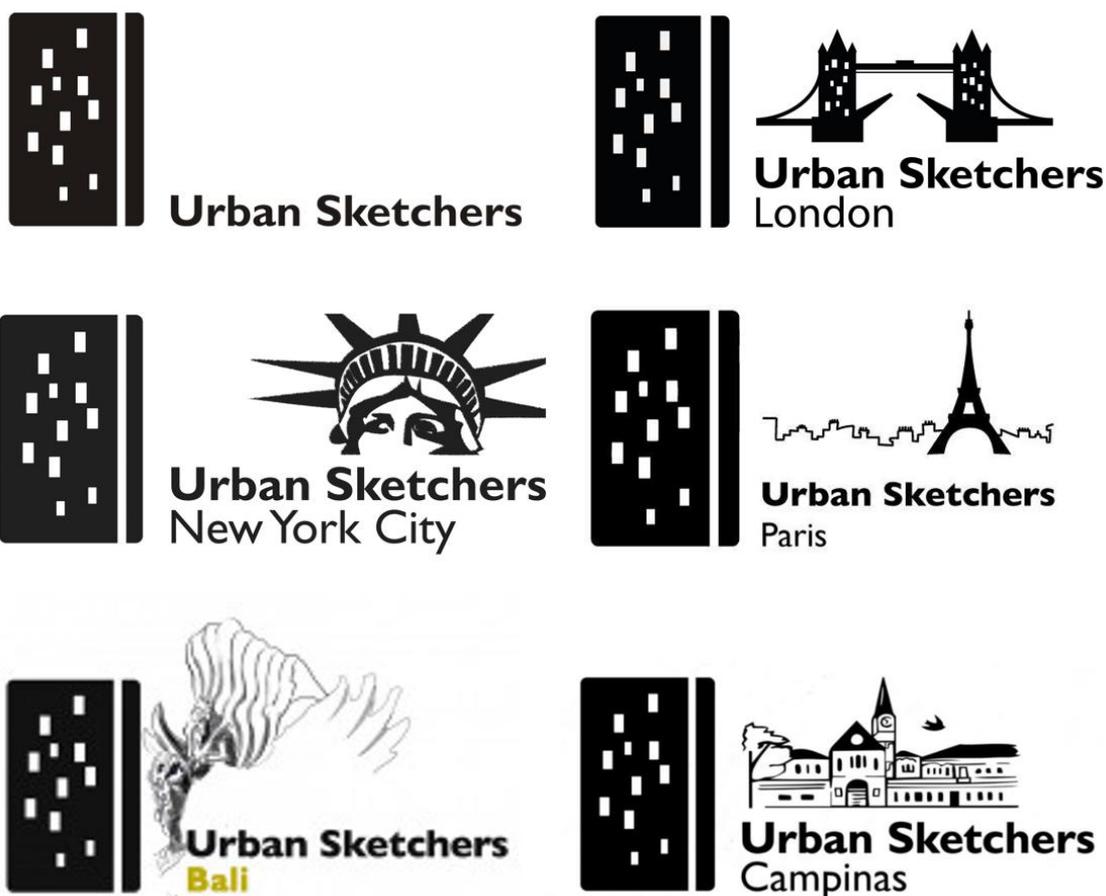
¹⁵ O termo “grupo regional” é usado pela comunidade para se referir a um grupo de desenhistas urbanos que compartilham os valores *Urban Sketchers* e se organizam em um município, um distrito ou uma região (composta por mais de um município).

não existir competitividade entre eles, convém que tais grupos estejam localizados a, pelo menos, 1 hora de distância a carro.

Após a formalização de um grupo, os coordenadores são responsáveis por criar a identidade visual com base no logo original internacional. No entanto, as adaptações devem ser feitas a partir do Guia de Design de logo do *Urban Sketchers*, disponibilizado no site oficial (*Urban Sketchers*, 2024).

O desenvolvimento de um desenho autoral que identifique o lugar de atuação daqueles desenhistas contribui para o sentimento de pertencimento. Nos exemplos abaixo (figura 18), é possível perceber que cada grupo elege um importante marco, que possui relevância para a história local.

Figura 18: Logotipos de grupos regionais da comunidade *Urban Sketchers*. Respectivamente: comunidade oficial com sede em Seattle; comunidade USK Londres, com a *London Bridge*; USK Nova Iorque, com a Estátua da Liberdade; USK Paris, com o skyline da cidade e a Torre Eiffel; USK Bali, com a escultura da águia mítica Garuda e USK Campinas, com a Estação Cultura.



Fonte: *Urban Sketchers*, *Urban Sketchers London*, *Urban Sketchers New York City*, *Urban Sketchers Paris*, *Urban Sketchers Bali* e *Urban Sketchers Campinas*, 2024.

Os logotipos são usados em itens de desenho urbano, como: lápis, *ecobags*, *bottons*, camisetas e carimbos. Os carimbos, utilizados no final de um encontro de desenho, funcionam como uma comprovação da presença do desenhista no lugar e na ação em comunidade.

Figura 19: Carimbo do USk Campinas, presente no desenho urbano da integrante Luiza Budahazi.



Fonte: Luiza Budahazi, 2023.

II.IV. A heterogeneidade dos grupos ao redor do mundo

Ao observar a formação dos membros do Conselho Executivo e do Corpo Diretivo, é possível dizer que a comunidade não possui um público específico, sendo aberta a qualquer pessoa interessada em retratar a paisagem urbana por meio do desenho, inclusive iniciantes sem muita prática e familiaridade.

Em *Podcast* para a Editora Olhares¹⁶ (2024), a psicanalista e aquarelista Fabiana Boiman relata que antes de se juntar ao grupo, não tinha o costume de desenhar e que foi por meio da persistência, da prática e conseqüentemente movimentação de sua zona de conforto que fizeram com que ela evoluísse.

A criação de uma rede heterogênea de desenhistas é baseada na troca de experiências, materiais e técnicas de desenho urbano. Quanto mais diversificada for a faixa etária, o gênero, o nível de prática no desenho, a área de conhecimento, a origem e a cor do integrante, mais rica será essa troca. A riqueza também é potencializada pelo compartilhamento dessas visões singulares nas redes sociais no mundo virtual, que agrupam postagens com interesses em comum, pela utilização de *hashtags*, *geotags*, marcações, curtidas, comentários, entre outras funções.

Conforme o site oficial (novembro de 2024), a comunidade está presente em cerca de 70 países e 450 cidades ao redor do globo e possui tendência de crescimento. O mapa realizado pelo grupo oficial está disponível no site e, apesar de apresentar disparidades quanto à referência geográfica de alguns grupos e à marcação em vermelho, nota-se que a atuação dos *sketchers* se faz mais presente no norte global, se comparada ao sul.

¹⁶ A Editora Olhares se dedica a publicar livros de arquitetura, artes, design, “DIY”, fotografia e natureza. Não obstante, seu canal no Youtube compartilha as mesmas áreas de interesse na forma de audiovisual, como os *Podcasts* (uma espécie de programa gravado ao vivo e disponibilizado *online*). O *Podcast* sobre o *Urban Sketchers*, mediado por Ronaldo Kurita, até o momento da pesquisa (05 de nov. de 2024), se encontra no 4º episódio. Os temas abordados consistem no coletivo USk, no desenho da escala humana e no universo da ilustração (Editora Olhares, 2024).

Dentre os 12 Simpósios, 9 ocorreram em países do norte global, são elas Portland nos EUA, Lisboa em Portugal, Barcelona na Espanha, Singapura no Sudeste Asiático, Manchester na Inglaterra, Chicago nos EUA, Porto em Portugal, Amsterdã na Holanda e Auckland na Nova Zelândia. E apenas 3 deles contemplaram cidades do sul, são elas: Santo Domingo, na República Dominicana; Paraty, no Brasil; e Buenos Aires, na Argentina. É importante ressaltar que tal análise foi feita no período que vai de 2010, com o surgimento do grupo, até o ano de 2024. Portanto, entende-se que

A proposta dos *Urban Sketchers* floresce em centros urbanos de países ricos, em cidades e regiões com baixos índices de violência. Um mapa dos subgrupos locais mostra essa distribuição geográfica. Afinal, o “mundo”, mostrado desenho a desenho, não é tão mundial assim. (Kuschnir, 2018, [n.p.]).

Outra evidência dessa influência se encontra no livro do fundador Campanario “*The Art of Urban Sketching*” de 2012, cujo intuito é apresentar ao mundo a comunidade *Urban Sketchers*. Especificamente no segundo capítulo, onde Campanario introduz alguns desenhistas espalhados pelo globo, das 81 pessoas apresentadas, 30 são europeias, 21 são norte-americanas, 20 são asiáticas, 7 são latino-americanas, 2 são australianas e apenas 1 africana.

A partir disso, percebe-se que o discurso dos desenhos e dos desenhistas globais da comunidade sofre interferência de um *locus* específico. Facetas estruturais culturais se apresentam pela demonstração de que minorias sociais, compostas por pessoas à margem da sociedade, não são igualmente contempladas pela comunidade.

II.V. Os eventos e as atividades

Simpósio Internacional *Urban Sketchers*

Como forma de promover o encontro físico e uma intensa troca de conhecimento entre os integrantes da comunidade global, no ano de 2010 iniciam-se os Simpósios Internacionais *Urban Sketchers*, eventos de desenho similares à estrutura de um congresso, com duração de 4 dias. O evento tem

periodicidade anual¹⁸, sendo sediado em diferentes cidades ao redor do mundo, como se pode ver na linha do tempo elaborada pela pesquisadora.

Figura 21: Linha do tempo contendo os anos e os locais dos Simpósios Internacionais realizados pela USk.



Fonte: Autoral, 2024. Elaborado pela pesquisadora na plataforma *TimeGraphics*

Repetidamente, as cidades dos países do norte global, como Estados Unidos e Portugal, são mais contempladas em relação ao sul. A escolha da cidade-sede se dá por meio de inscrição no site e sorteio pelos membros oficiais (*Urban Sketchers*, 2024). O evento é organizado em cerimônias de abertura e de encerramento, encontros de desenho de locação realizados em pontos turísticos dos centros históricos das cidades, *workshops* e rodas de conversas com experientes *sketchers*, além de promover sorteios e feiras de materiais artísticos durante toda a programação.

Os desenhistas brasileiros Ronaldo Kurita, Fabiana Boiman e Eduardo Bajzek comentam em *Podcast* gravado para a Editora Olhares (2024), que os Simpósios carregam uma energia intensa e alegre, já que permitem estabelecer contato com amigos desenhistas, artistas renomados que anteriormente eram acessíveis somente pelo espaço virtual e novos colegas. Kurita destaca a multiplicidade de línguas, estilos e materiais usados em cada país em meio à cultura local e como o evento consegue unificar as diversas narrativas. Não obstante, apesar da gratificante experiência, os desenhistas explicitam o lado exaustivo de organizá-lo, uma vez que Bajzek foi um dos responsáveis pelo Simpósio de Paraty – RJ, que ocorreu em 2014 no Brasil.

¹⁸ Os anos de 2020, 2021 e 2022 não contemplaram os Simpósios Internacionais em decorrência da Pandemia de COVID-19, que exigiu como medida preventiva o isolamento social.

Desafios de desenhos urbanos mensais

O grupo oficial de Seattle, além de ser responsável pelos eventos internacionais, tem a função de gerenciar as redes sociais e o site da comunidade. Nesse sentido, mensalmente, há a proposição de desafios diários para fomentar a prática do desenho urbano, em que cada dia do mês corresponde a uma temática a ser expressa graficamente.

A figura 22 mostra alguns exemplares dos desafios, chamados de “USk Prompts” para os meses de dezembro de 2023, janeiro e fevereiro de 2024. A temática do desafio possui a lógica de se adequar à festividade do mês, como o Natal em dezembro, ou a tópicos de interesse comum entre os desenhistas, como a natureza em janeiro e o Simpósio de 2024 em Buenos Aires em fevereiro.

Figura 22: Desafios mensais propostos pela comunidade USk para os meses de dezembro de 2023, janeiro e fevereiro de 2024, respectivamente.



Fonte: Instagram do *Urban Sketchers*. Disponível em: <https://www.instagram.com/urbansketchers/>. Acesso em 27 de fev. de 2024.

A iniciativa induz que os *sketchers* desenhem e divulguem suas visões por meio de postagens feitas em suas redes sociais, utilizando as *hashtags* #urbansketchers e #usk (mês e ano) prompts, a fim de criar um agrupamento de imagens que caracteriza a rede cultural da comunidade. Uma vez criado o agrupamento, o perfil oficial é responsável pela “repostagem”, o que amplifica o alcance das narrativas dos diferentes desenhistas (Urban Sketchers, 2024). Navegando pelo perfil do Instagram (@urbansketchers), percebe-se que um mesmo tema gera diferentes interpretações a depender do contexto em que a pessoa se insere.

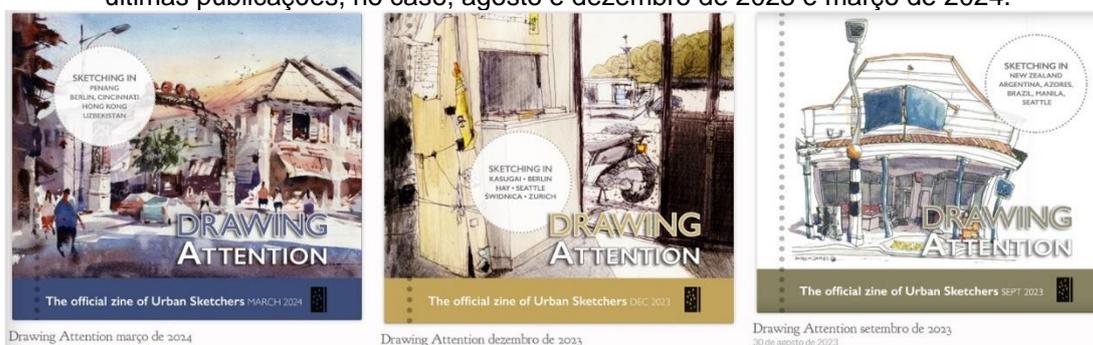
Revista *Drawing Attention*

A revista online oficial da comunidade é chamada *Drawing Attention* e tem o objetivo de comunicar o público leitor: notícias e questões organizacionais, comunicar a respeito de Simpósios Internacionais, eventos regionais, *workshops*, histórias de desenhistas urbanos, noções para praticar o desenho de locação, entre outros assuntos. A publicação é feita quatro vezes ao ano, geralmente nos meses de março, junho, setembro e dezembro, por meio da plataforma *ISSU* e disponibilizada no site oficial.

Atualmente, para a realização da revista, há uma equipe responsável tanto pela publicação do conteúdo como pelo layout, composta por Anne Taylor e Jane Wingfield. Uma equipe de escritores e contribuidores composta por Cathy Gutterman, Javier Mas Pinturas, Kristina Matveeva, Mark Leibowitz, Ben Luk, Parka, Anne Taylor, Christina Wald, Scoot Wilson e Jane Wingfield, assim como possui uma equipe de revisores. A imagem de capa corresponde a um *sketch* de um integrante da comunidade (*Drawing Attention*, 2024).

A submissão de uma matéria para a revista ocorre pelo site drawingattention@urbansketchers.org, por meio de formulário online que exige identificação do interessado e link de acesso aos seus desenhos. O site destaca que os desenhos enviados necessitam de relatos das experiências de desenhar na rua, e para isso, a equipe editorial consegue auxiliar na redação (*Urban Sketchers*, 2024).

Figura 23: *Print Screen* da seção do site oficial da Revista *Drawing Attention*, que mostra as últimas publicações, no caso, agosto e dezembro de 2023 e março de 2024.



Fonte: *Urban Sketchers*, 2024. Disponível em: <https://urbansketchers.org/our-global-sketchbook/drawing-attention/>. Acesso em 31 de mar. de 2024.

Caderno Global de Desenhos

A proposta do Caderno Global de Desenhos, que originalmente é chamado de “*Global Sketchbook*”, é agrupar *sketchs* de integrantes de todo o mundo no site oficial <https://urbansketchers.org/our-global-sketchbook/>, o que reforça o estabelecimento de uma rede cultural que compartilha visões de mundo.

A diversidade de suportes, técnicas de representação, materiais, estilos e narrativas evidenciam a riqueza particular do processo criativo de cada desenhista, reforçando a heterogeneidade do grupo, pois qualquer pessoa pode contribuir com seus desenhos urbanos contanto que siga as diretrizes de envio, que correspondem a: 1-) os desenhos devem se enquadrar nos valores do manifesto; 2-) é possível contribuir de maneira individual ou em grupo; 3-) é necessário incluir de 2 a 12 esboços; e 4-) a submissão deve ser acompanhada de um relato escrito de contextualização sobre a localização, inspiração, técnicas e materiais utilizados.

Além de relatos, os textos podem ser ensaios, entrevistas, resenhas de livros e postagens instrutivas. Embora o grupo oficial da USk possua como primeira língua o inglês, a equipe se dispõe a ajudar na tradução ou revisão do texto enviado por meio do site <https://urbansketchers.org/contribute/>. (*Urban Sketchers*, 2024).

As atividades exploradas acima, como o Caderno, a Revista, os Encontros e os Simpósios, permitem ao desenhista aprender não só com a sua experiência individual, como também com o desenho, a vivência e o relato do outro. Inclusive, evidencia a horizontalidade das relações entre os integrantes, uma vez que, segundo Castells (2013, p. 195), “redes horizontais, multimodais, tanto na internet quanto no espaço urbano, criam companheirismo” e proporcionam noções de cooperação e solidariedade.

As experiências geradas pelas atividades permitem que a pessoa adquira repertório e evolua na prática do desenho urbano. No entanto, a aquisição de inspiração e, conseqüentemente, a evolução do desenho também é conquistada pelos ensinamentos de experientes *sketchers*, que compartilham suas visões por meio de diversas mídias, como sites, blogs, cursos online e presenciais, redes sociais e livros.

Dentre os importantes *urban sketchers*, tem-se o próprio Gabriel Campanario com o livro “*The Art of Urban Sketching*” (2012), Thomas Thorspecken com “Guia completo de técnicas de desenho urbano” (2014), Jens Hubner com “A prática do *urban sketching*” (2020), Eduardo Bajzek com “Técnicas de ilustração à mão livre” (2021), Stephanie Bower com “101 dicas de *Sketching*” (2023), entre muitos outros. Os materiais não constituem pesquisas científicas, contudo, são essenciais para compreender as motivações por trás do desenho de observação da paisagem urbana feito *in loco*, praticado na contemporaneidade e, por isso, compõem as referências da presente dissertação.

II.VI. Os *sketchs* da paisagem urbana

Explorar a paisagem urbana por meio de um *sketchbook* se assemelha a um laboratório de experimentações (Hubner, 2020), que considera o prazer do processo de desenhar, assim como uma criança em seu processo de aprendizado.

Como explorado no capítulo anterior, o desenho de locação requer um envolvimento direto com a vida cotidiana e uma relação íntima com a paisagem. Esse envolvimento leva o desenhista a refletir sobre sua posição enquanto cidadão e a compreender que não há banalidade no cotidiano, uma vez que sua narrativa, expressa graficamente, contribui para a criação da própria noção de paisagem e cultura visual.

Considerando os diferentes contextos nos quais as pessoas ao redor do mundo estão inseridas, a inspiração de temáticas de desenho se modifica, basta observar as mudanças de temperatura, a cultura gastronômica, as festividades locais, a presença ou ausência de vegetação, entre outras características. Portanto, a riqueza de criar uma narrativa por meio do desenho está na autenticidade da experiência pessoal do desenhista em consonância com o contexto em que está inserido.

Dessa forma, segundo Campanario (2012), diversos elementos da paisagem urbana podem ser abordados como temáticas. Entre eles, destacam-se: *skylines*, vistas panorâmicas, edificações e arquitetura local, ruas e avenidas, canteiros em construção, regiões portuárias, monumentos, esculturas, mobiliário urbano, veículos, parques e praças. Além disso, incluem-se restaurantes, bares

e cafeterias, museus, estações de transporte público, eventos culturais locais (feiras, apresentações artísticas, shows etc.), ambientes internos e externos, pessoas executando tarefas cotidianas, diálogos, textos e as evidências da passagem do tempo, tanto de dia quanto à noite e durante as estações do ano.

Dando continuidade, os materiais que servem de suporte para desenhar na rua necessitam ser compactos e planejados, uma vez que diversos locais da cidade não se configuram como espaços de permanência e, por isso, não estão preparados para receber um desenhista urbano.

Além disso, tal prática pressupõe lidar com situações do acaso, como: sensação de cansaço, instabilidade do tempo meteorológico (calor ou frio extremo, chuva e vento), interrupção por parte dos transeuntes, situações de risco¹⁹, entre outras. Por isso, é incentivado pela comunidade a adoção dos materiais compactos para desenho (pequenos *sketchbooks* e estojos, contendo, principalmente, lápis grafite, canetas-marcadores, lápis de cor e tintas aquarelas, muito embora a escolha do material fique a encargo da pessoa) e materiais de suporte para proporcionar conforto ao desenhista (banquetas dobráveis, garrafas d'água para a sede, bonés para proteger do sol, tripés para apoiar os desenhos etc.).

A tinta aquarela é amplamente utilizada pelos integrantes, pois “[t]endo em vista a facilidade de transportá-la a ambientes externos, a aquarela foi a primeira técnica a permitir que o artista se libertasse de seu estúdio” (Scheinberger, 2016, p. 7), já que é feita a base de água e possui rápida secagem.

Referente às abordagens técnicas utilizadas, segundo Bajzek (2021), com base na pedagogia de Betty Edwards, é possível encontrar desenhos de contorno, desenhos de massa, desenhos de observação, desenhos em perspectiva e croquis. A escolha entre esses estilos é particular de cada desenhista, por estar associada à intenção de criar uma narrativa do contexto em que se insere.

¹⁹ De acordo com Ronaldo Kurita em *Podcast* para a Editora Olhares (2024), uma das premissas do grupo consiste em desenhar espaços da cidade que estão abandonados ou negligenciados pela população ou pelo governo local, situação que pode oferecer risco aos desenhistas por apresentar condições de vulnerabilidade socioespacial.

A seguir, têm-se exemplares de desenhos urbanos feitos por integrantes da comunidade *Urban Sketchers*, que demonstram algumas das temáticas elencadas por Campanario, tais como: percurso em uma estação de ônibus, trânsito de veículos, esquina e detalhes presentes no ambiente urbano. Em geral, o uso da aquarela e do marcador estão presentes, assim como anotações que complementam a experiência do lugar.

Figura 24: Desenho em estação de ônibus, de Gabriel Campanario. Tema que inspirou o jornalista a iniciar sua prática do desenho de locação.



Fonte: Campanario, 2012.

Figura 25: Desenho à lápis e aquarela do trânsito de veículos, do alemão Jens Hubner.



Fonte: Faber-Castell. Disponível em: <https://www.faber-castell.com.br/tutorials/about-artists/jens-huebner>. Acesso em 26 de fev. de 2024.

Figura 26: Desenho em *sketchbook* do português Eduardo Salavisa²⁰.



Fonte: Esolidar. Disponível em: <https://community.esolidar.com/br/auction/detail/2209-varios-cadernos-legendados-por-eduardo-salavisa>. Acesso em 25 de set. de 2024.

Embora o coletivo não carregue como princípio o caráter político de denúncia de problemas sociais característicos da vida em sociedade, é importante constatar a baixa ocorrência de temáticas como: pessoas e moradias em situação de vulnerabilidade socioambiental, manifestações de grupos marginalizados/ periféricos e elementos que “poluem” a paisagem do ponto de vista higiênico. Isso reforça uma certa romantização da vida cotidiana ao revelar “desenhos em que prevalecem as belas imagens da cidade idealizada – uma urbe com pinceladas românticas, onde prédios, praças e cafés convivem com as pessoas em harmonia” (Kuschnir, 2018, [s.p.]), modelo de pensamento que está presente em grandes centros urbanos de países ricos que possuem baixo nível de vulnerabilidade.

²⁰ Eduardo Salavisa nasceu em Lisboa, Portugal, em 1950 e morreu em 2020. Formou-se em *design* de equipamento na Faculdade de Belas Artes de Lisboa e foi professor do ensino secundário. Se autodenominava um “desenhador do cotidiano”. (Fonte: Rahim, Shakil Tussuf. Eduardo Salavisa: um Desenhador do Quotidiano”. Revista Croma, Estudos Artísticos. 2015. ISSN 2182-8547 e ISSN 2182-8717, vol. 3, (5): 188 – 197).

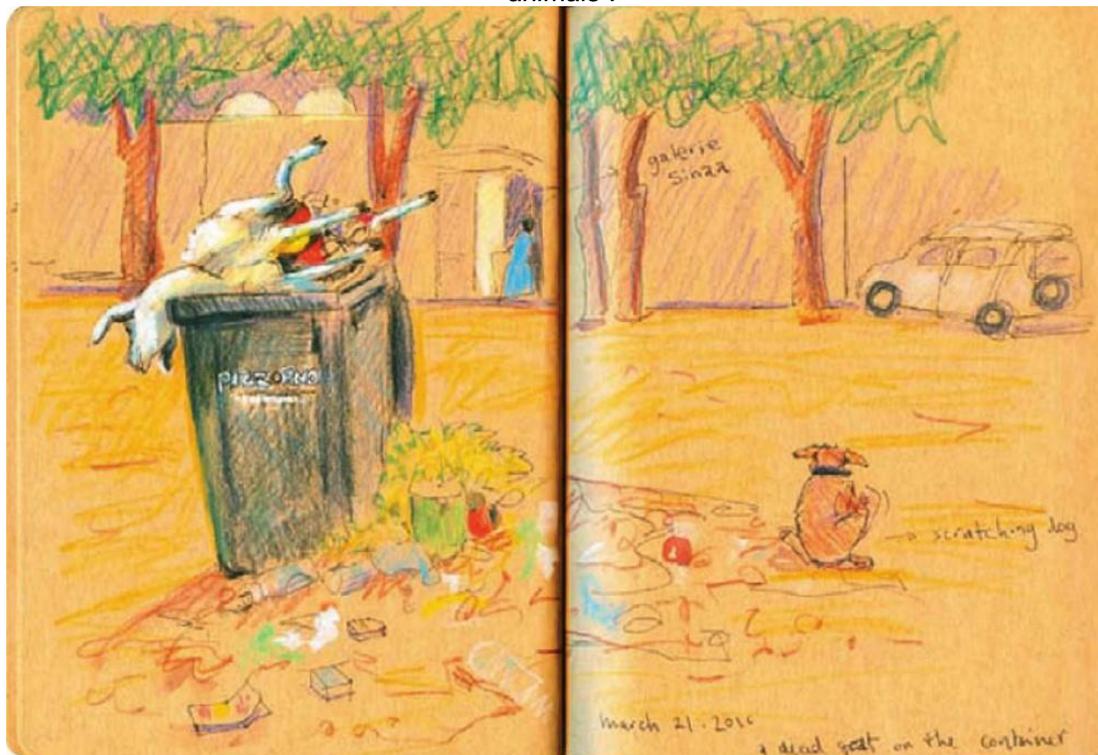
Para exemplificar, analisaram-se os desenhos apresentados no livro “*The Art of Urban Sketching*” (Campanario, 2012). Dentre as expressões gráficas, foram encontrados apenas 2 desenhos que se enquadram na temática com caráter de denúncia de problemas sociais:

Figura 27: Desenho de locação do estadunidense Gary Amaro - “*A homeless man and a double exposure of buildings across Haight Street*”.



Fonte: Campanario, 2012, p. 41.

Figura 28: Desenho de locação da mauritana Isabel Fiadeiro – “*Dead Goat: French waste company Pizzorno has been cleaning Nouakchott for the past few years, Fiadeiro says They have distributed containers all around town, but they are not supposed to get rid of dead animals*”.



Fonte: Campanario, 2012, p. 109.

II.VII. A democratização da participação

O desenho de observação *in loco* é uma prática que não exige muitos recursos para ser executada, bastando uma folha, um lápis e a interação com a paisagem urbana, instrumentos acessíveis para grande parte da população. Contudo, o que se pode analisar com a crescente atuação da organização sem fins lucrativos *Urban Sketchers* é que ela também opera, inevitavelmente, na lógica consumista da sociedade na qual estamos inseridos, que preza pela lucratividade.

Os membros da comunidade costumam trocar dicas sobre materiais, suportes e técnicas de desenho. Essa troca impulsiona um senso de coletividade e companheirismo. A admiração e a influência dos desenhistas experientes surgem quando eles compartilham seus processos criativos e mostram os equipamentos utilizados.

No entanto, nota-se que as dicas passadas em *workshops*, livros, blogs, redes sociais ou cursos (atividades remuneradas para os autores) não são acessíveis para a população de baixa renda, devido aos altos preços dos

materiais artísticos para a execução de um desenho urbano tal como um “*expert*”.

Outro aspecto a ser considerado consiste nos locais dos encontros da comunidade, como os Simpósios anuais que reúnem desenhistas de todo o mundo. A interação entre os membros é restrita àqueles que possuem condições financeiras (de custear as atividades integradoras, a hospedagem, as despesas no local, a compra de passagens e a compra de materiais artísticos) de reunir e conhecer pessoas de fora da sua realidade em um país estrangeiro.

Tem-se como exemplo o Simpósio Internacional de 2024, com sede em Buenos Aires, na Argentina, que aconteceu de 9 a 12 de outubro. A participação no evento com o maior proveito possível, contou com dois tipos de ingressos que o *sketcher* escolheu e comprou: o “*Workshop Pass*”, que incluiu acesso à participação na cerimônia de abertura e encerramento, escolha de 3 *workshops*, seleção de uma atividade, participação em todas as *sketchwalks* e participação em palestras pelo preço de \$450 USD; e o “*Sketch Pass*”, que incluiu os mesmos benefícios, com exceção da participação em *workshops*, pelo preço de \$260 USD.

A falta de preocupação com a inclusão social tem sido notada por integrantes da comunidade. O artista visual e *sketcher* brasileiro Bruno Lorenz compartilhou um depoimento em suas redes sociais²¹, direcionado para o grupo oficial de Seattle e para o grupo USK Buenos Aires, responsável por sediar o Simpósio Internacional de 2024. Neste depoimento, o artista tem o objetivo de conscientizar os grupos organizadores sobre a inacessibilidade financeira dos preços dos ingressos, uma vez que ultrapassam a renda mensal média bruta de países como Argentina, Brasil e Paraguai. Segue abaixo o relato de Lorenz:

Estimado equipo de Urban Sketchers @urbansketchers @uskbuenosaires,
Me gustaría expresar mi preocupación con respecto a los precios de las entradas para el simposio USK 2024, que se llevará a cabo en Buenos Aires. Aunque entiendo que organizar un evento de esta

²¹ Depoimento de Bruno Lorenz foi publicado na plataforma Instagram no dia 15 de jul. de 2024 e encontra-se disponível em: <https://www.instagram.com/p/C9cXgAZOsGN/>. Acesso em 25 de set. de 2024. Lorenz é brasileiro, no entanto, o depoimento consiste em um vídeo em língua inglesa e uma descrição em língua espanhola, para, justamente, amplificar o alcance de sua voz dentro da comunidade global.

magnitud implica varios costos, los precios que oscilan entre 250 y 450 dólares parecen inaccesibles para muchos artistas, especialmente considerando la realidad económica de muchos miembros de la comunidad USK.

Para contextualizar mi preocupación, me gustaría destacar que estas cantidades se acercan o incluso superan el ingreso mensual bruto promedio de países vecinos como Brasil y Paraguay. Por ejemplo, el salario mínimo en Argentina en 2024 es de aproximadamente 235 dólares por mes, mientras que en Brasil es de 280 dólares por mes y en Paraguay, es de alrededor de 360 dólares por mes. Esto hace que sea extremadamente difícil para muchos artistas talentosos de estos países poder costear la participación en el simposio. El espíritu de Urban Sketchers siempre ha sido de inclusión, accesibilidad y compartir experiencias. Estos altos precios parecen contradecir estos principios, limitando la participación solo a aquellos con mayor poder adquisitivo. Esto crea una barrera que impide que muchos sketchers de diferentes orígenes y regiones participen y contribuyan al simposio.

Me gustaría sugerir que reconsideren los precios de las entradas u ofrezcan opciones de subsidios y descuentos para hacer el evento más inclusivo. La diversidad de participantes es esencial para la riqueza del simposio y para la misión de USK de promover el dibujo urbano como una práctica accesible para todos. Gracias por su atención y estoy abierto a discutir posibles soluciones que beneficien a toda la comunidad de USK. Atentamente,

Bruno Augusto Lorenz

(Lorenz, 2024, [n.p.])

Dando continuidade, Lorenz afirma que tal inacessibilidade contraria os ideais do *Urban Sketchers*, que prezam pela inclusão, acessibilidade e compartilhamento de diferentes visões de mundo. Como sugestão, o brasileiro pergunta sobre a possibilidade de descontos para garantir a participação daqueles com menor poder aquisitivo.

Ronaldo Kurita, o vice-presidente da comunidade global USK, respondeu ao depoimento de Bruno Lorenz nos “comentários”. Kurita concorda que a gestão precisa tornar os custos mais acessíveis, no entanto, tais valores são necessários para que um evento desse porte aconteça. Eles custeiam o transporte e alojamento de cerca de 40 pessoas (instrutores voluntários), montagem do evento, aluguel de sede etc. Apesar disso, o vice-presidente se mostrou à disposição para apresentar as sugestões de Lorenz para a direção executiva.

II.VIII. A fidelidade com o contexto urbano

A partir da descrição e análise, conclui-se que a comunidade necessita ampliar a influência da prática do desenho de locação no sul global, por meio de

maior representatividade, inclusão, visibilidade em cargos de liderança e de exemplares de repertório gráfico. A criticidade perante a escolha das temáticas de desenho é outro aspecto latente entre os membros, pois a narrativa de uma urbe romantizada prevalece. Para tanto, o olhar para populações marginalizadas é um caminho para a fidelidade com o contexto urbano e para, de fato, ressignificar a maneira como nos relacionamos com a paisagem.

Por outro lado, a comunidade é responsável pela promoção de coletividade e empatia por meio das trocas que o desenho proporciona, além de promover a apropriação de espaços públicos esquecidos pelos transeuntes, de modo a valorizar a história, a arquitetura e os aspectos sociais do lugar.

Além de contribuir para o entendimento da cultura visual contemporânea, o capítulo serviu para descrever a criação da comunidade USk, uma rede cultural singular, fundamentada pela experiência do lugar (local), mas que adquire amplitude quando compartilha tal experiência nas redes sociais digitais (global), tudo isso por intermédio do desenho.

III. COMUNIDADE *URBAN SKETCHERS* NO BRASIL E EM CAMPINAS

III.I. Os encontros nacionais e regionais

Até o presente momento, a atuação da comunidade no Brasil inclui 6 Encontros Nacionais e 5 Encontros Regionais, com dinâmica similar aos Simpósios Internacionais, que contêm 4 dias de programação, envolvendo cerimônias de abertura e encerramento, encontros de desenho urbano, *workshops* e feira de materiais artísticos.

A partir da linha do tempo elaborada pela pesquisadora [figura 29], nota-se que os encontros tiveram início no ano de 2016, foram interrompidos no período de pandemia de COVID-19 (2020 e 2021) e continuaram em 2022. Nota-se que as regiões sul e sudeste foram mais contempladas quando comparadas às demais e, assim como a atuação internacional, observa-se que os eventos apresentam certo caráter cosmopolita, isto é, são sediados em grandes centros urbanos com incentivo às atividades culturais e turísticas.

Figura 29: Linha do tempo contendo os anos e os locais dos Encontros Nacionais e Regionais realizados pela comunidade USk Brasil.



Fonte: USk Brasil. Elaborada pela pesquisadora na plataforma *TimeGraphics*.

De acordo com o mapa oficial do USk sobre os grupos regionais formalizados ao redor do mundo (dados de outubro de 2024), o Brasil possui 34 grupos²², sendo a região sudeste com o maior número, 14. Nota-se que estados como: Espírito Santo, Rondônia, Acre, Tocantins, Piauí, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Amapá não possuem grupos formalizados.

²² A comunidade Urban Sketchers Brasil, formalizada internacionalmente, é composta pelos grupos de: Porto Alegre – Rio Grande do Sul; Florianópolis – Santa Catarina; Morretes, Curitiba e Londrina – Paraná; Santo André, São Paulo, Mogi das Cruzes, São José dos Campos, Itu, Campinas, São Carlos, Araraquara e Ribeirão Preto – São Paulo; Rio de Janeiro, Torres Beach e Campo dos Goyatacazes – Rio de Janeiro; Belo Horizonte – Minas Gerais; Campo Grande e Corumbella – Mato Grosso do Sul; Cáceres, Cuiabá e Sorriso – Mato Grosso; Vitória da Conquista, Salvador e Feira de Santana – Bahia; Aracaju – Sergipe; Natal – Rio Grande Norte; Fortaleza – Ceará; São Luís – Maranhão; Belém – Pará; Manaus - Amazonas e Boa Vista – Roraima. (*Urban Sketchers*, 2024).

III.II. Comunidade *Urban Sketchers* de Campinas

A fundação da comunidade

A iniciativa de fundar a comunidade *Urban Sketchers* de Campinas surgiu da arquiteta e ilustradora campineira Fernanda Bonon, ao questionar a maneira pela qual as pessoas se posicionam na cidade. O interesse se dá a partir de sua experiência e vivência em meio à comunidade online de desenhistas, assim como pelo ensino da arquitetura e do urbanismo (Mais Caminhos, 2023).

Bonon teve contato com a comunidade USk pelas redes sociais e, uma vez que constatou que não existia um grupo regional campineiro, resolveu fundá-lo no ano de 2018²³, seguindo as diretrizes exigidas pelo site oficial. Com a ajuda de sua irmã, a *designer* Luiza Bonon, criaram a identidade visual do grupo a partir da divulgação de banners e pôsteres, do logotipo, do carimbo e do *marketing* digital (Mais Caminhos, 2023).

A arquiteta relata ao Portal Cultural Campinas (2022) que o objetivo consiste em

mudar a ideia de espaço público como algo banalizado, sem história e sem vida, reconhecendo os locais como algo dotado de valores, de memória coletiva e de vivência, sendo, assim, o desenho, uma ferramenta essencial (Bonon, 2022, [n.p.]).

Como explorado anteriormente, a formalização de um grupo necessita da denominação dos organizadores responsáveis por mediar as ações daquela comunidade local, divulgar/realizar os encontros mensais, buscar possíveis parcerias e gerenciar as redes sociais. Sendo assim, a equipe campineira é organizada pelos arquitetos André Lopes, Fernanda Bonon, Jonathan Melo e pela *designer* Luiza Bonon (*Urban Sketchers* Brasil, 2024, [n.p.]).

Devido à maioria dos organizadores possuir formação em arquitetura e urbanismo, suas formas de representação gráfica são influenciadas pelo desenho do arquiteto (assim como explorado no primeiro capítulo). Ao observar os *sketchs* urbanos e participar dos encontros desta comunidade, é possível

²³ Apesar de iniciar sua atuação em 2018, o grupo USk Campinas somente foi formalizado e registrado no site oficial em julho de 2023.

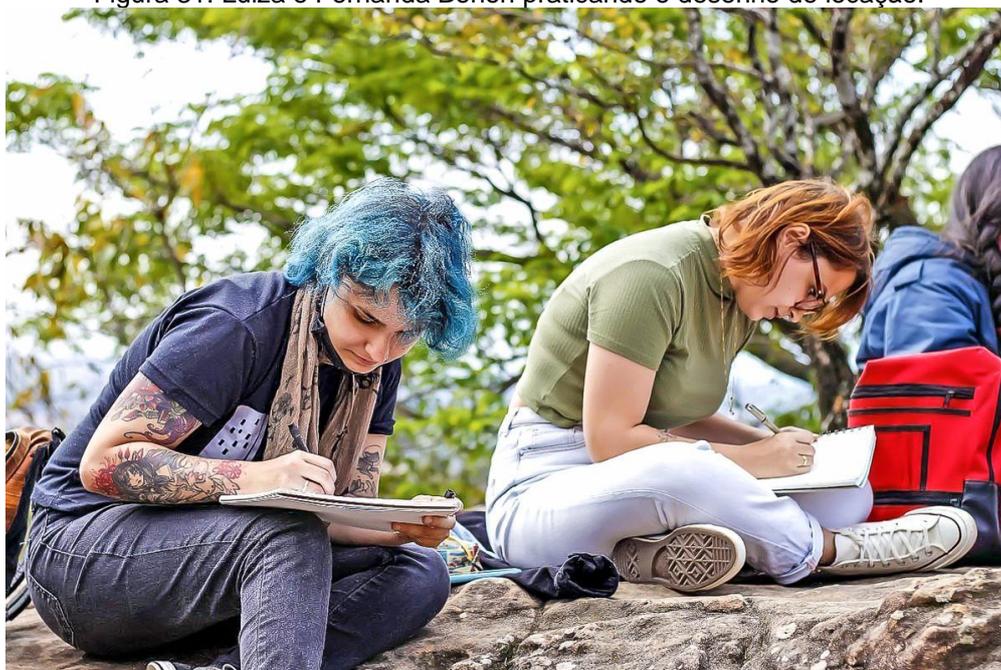
associar os desenhos dos organizadores com um processo de conhecimento espacial e investigação da realidade que os cerca. O uso da perspectiva linear, o detalhamento e a exploração dos volumes que compõem a cena observada traduzem a leitura da paisagem urbana, tal qual um arquiteto é ensinado.

Figura 30: *Print Screen* da publicação do Instagram que apresenta os organizadores responsáveis pelo USk Campinas: Lui Bonon, Jonathan Melo, André Lopes e Fernanda Bonon, respectivamente, da esquerda para a direita.



Fonte: Instagram do USk Campinas. Acesso em 15 de out. de 2024.

Figura 31: Luiza e Fernanda Bonon praticando o desenho de locação.



Fonte: Correio Popular. Disponível em: <https://correio.rac.com.br/entretenimento/uma-cidade-redesenhada-por-artistas-espontaneos-1.1331249>. Acesso em 28 de fev. de 2024.

Os valores e as visões

O Manifesto *Urban Sketchers*, comum entre todos os grupos regionais do mundo, assegura o compartilhamento das visões e dos valores da comunidade. A figura 33 consiste em uma captura de tela do Manifesto postado no perfil do grupo campineiro no Instagram (@uskcampinas)²⁴.

Figura 32: *Print Screen* do Manifesto *Urban Sketchers* publicado no Instagram da comunidade USk Campinas.



Fonte: Instagram do USk Campinas. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CrOmfyuOGR-/?img_index=1. Acesso em 15 de out. de 2024.

Os integrantes da comunidade

No segundo semestre de 2024, os integrantes da comunidade campineira, organizados em um grupo de *WhatsApp*, se mobilizaram a fim de divulgar suas produções e impressões em fazer parte do coletivo. A partir de um formulário online, os desenhos e os relatos foram coletados e publicados na rede social Instagram @uskcampinas e no blog da pesquisadora/integrante. Apesar de o grupo do *WhatsApp* possuir 113 membros (até o presente momento, outubro de 2024), a ação contou com a participação de 19 integrantes.

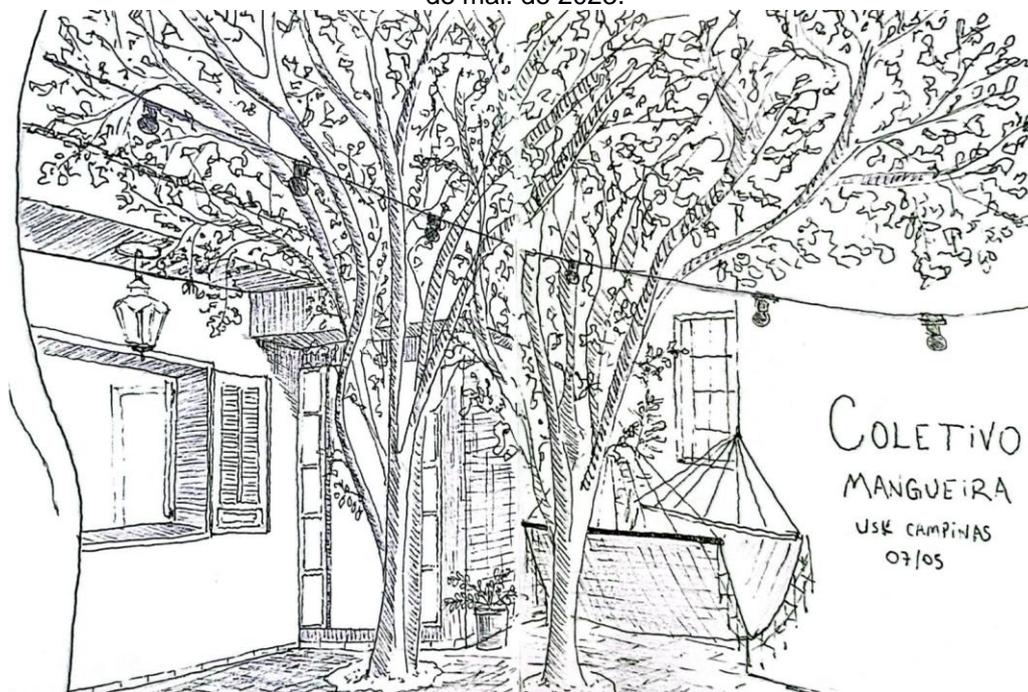
²⁴ A participação ativa dos integrantes do USk Campinas está presente nas ações feitas pelos organizadores, uma vez que o desenho da Estação Cultura que acompanha a postagem foi feito pela pesquisadora em conjunto com a Luiza Bonon. O desenho também serviu de inspiração para a criação do logotipo, que foi atualizado em 2023, o que reforça o valor 6 do Manifesto: “Nós nos apoiamos e desenhamos juntos”.

Grande parte possui formação em arquitetura e urbanismo, artes visuais ou áreas correlatas, já tendo contato com o desenho de observação ou de locação. De acordo com a publicação, os integrantes ocupam os cargos de: proprietário de restaurante, arquiteto (3), aposentado (2), professor, assistente de editoração, funcionário público, ilustrador/designer gráfico (4), estudante (3), engenheiro de *software*, físico e músico (*Urban Sketchers* de Campinas).

A seguir, seguem alguns relatos e desenhos:

O grupo *Urban Sketchers* Campinas tomou uma importância significativa em minha vida. Me sinto motivado e desafiado a produzir arte quando vou aos encontros, além de me sentir mais pertencente a minha cidade. Tenho uma rotina que, por vezes, é muito cansativa e ter a chance de sentar, observar e desenhar me faz muito bem, ainda mais quando compartilho essa prática com pessoas incríveis. Procuo encarar os encontros como oportunidades para me aproximar mais de Campinas de uma forma mais atenta e fazer isso em companhia de pessoas que também estão nessa sintonia, torna tudo mais prazeroso. Encontrei no *Urban Sketchers* Campinas amizades ótimas que me fazem ficar ansioso para cada encontro e me incentivam a continuar tocando esse projeto do qual me orgulho muito. (André Raymundo Lopes, arquiteto e urbanista, USK Campinas, 2024).

Figura 33: Desenho do Coletivo Mangueira – Campinas, SP, feito por André Lopes, no dia 07 de mai. de 2023.

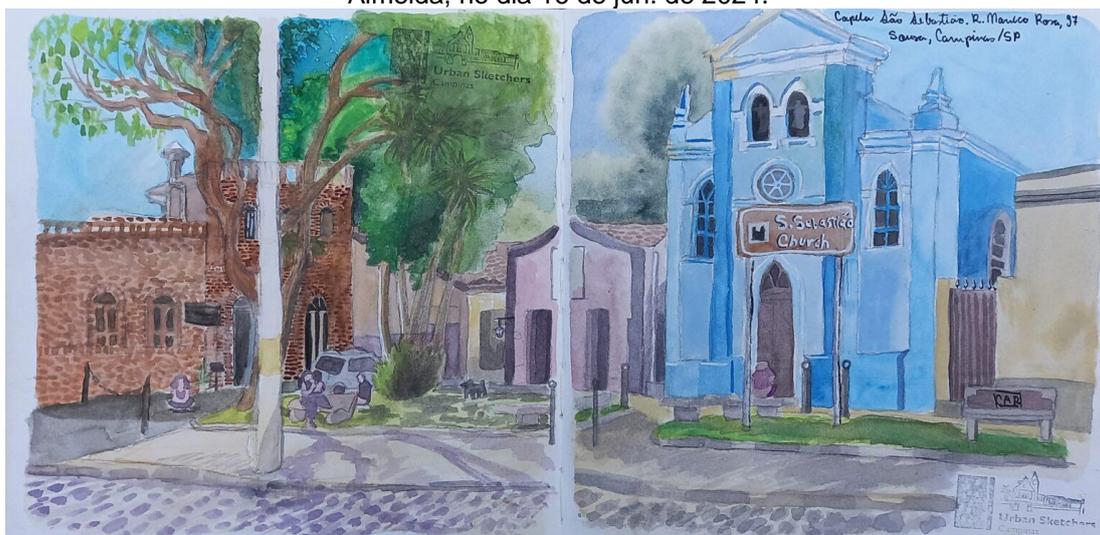


Fontes: Blog Ateliê Luiza Budahazi. Disponível em: <https://atelieluizabudahazi.com/conheca-alguns-integrantes-da-comunidade-urban-sketchers-campinas/>. Acesso em 16 de out. de 2024. Urban Sketchers de Campinas.

Quando comecei a ir com mais frequência nos encontros, desenhar com o *Urban Sketch* tem sido uma aventura. Poder encontrar uma

oportunidade para sair do espaço coberto por quatro paredes, ambiente comum pra todo artista que produz e vive de arte, deve ser um direito de todos. Além disso, passar por lugares desconhecidos e familiares e observá-los com mais atenção, compreendendo a sua história, origem, natureza, estrutura e outros elementos visuais, não é só entender melhor o lugar onde você morou ou mora, mas também respeitar o espaço e quem habita naquele lugar (Carolinee de Almeida Rodrigues, assistente de editoração, USk Campinas, 2024).

Figura 34: Desenho da Praça São Sebastião – Sosas, Campinas, SP, feito por Carolinee de Almeida, no dia 16 de jun. de 2024.



Fonte: Blog Ateliê Luiza Budahazi. Disponível em: <https://atelieluizabudahazi.com/conheca-alguns-integrantes-da-comunidade-urban-sketchers-campinas/>. Acesso em 16 de out. de 2024. Urban Sketchers de Campinas.

Sinceramente, comecei a ir nos encontros buscando uma desculpa para não perder a prática do desenho. Mas aos poucos fui descobrindo um grupo de desenhistas que nos encontros me fizeram repensar minha prática artística. E no processo passei ótimos momentos e fiz bons amigos! Também a experiência de explorar locais bem diversos, para alguém que não é de Campinas, é uma ótima introdução à cidade (Marcos Gabriel Barboza Dure Diaz, engenheiro de *software*, USk Campinas, 2024).

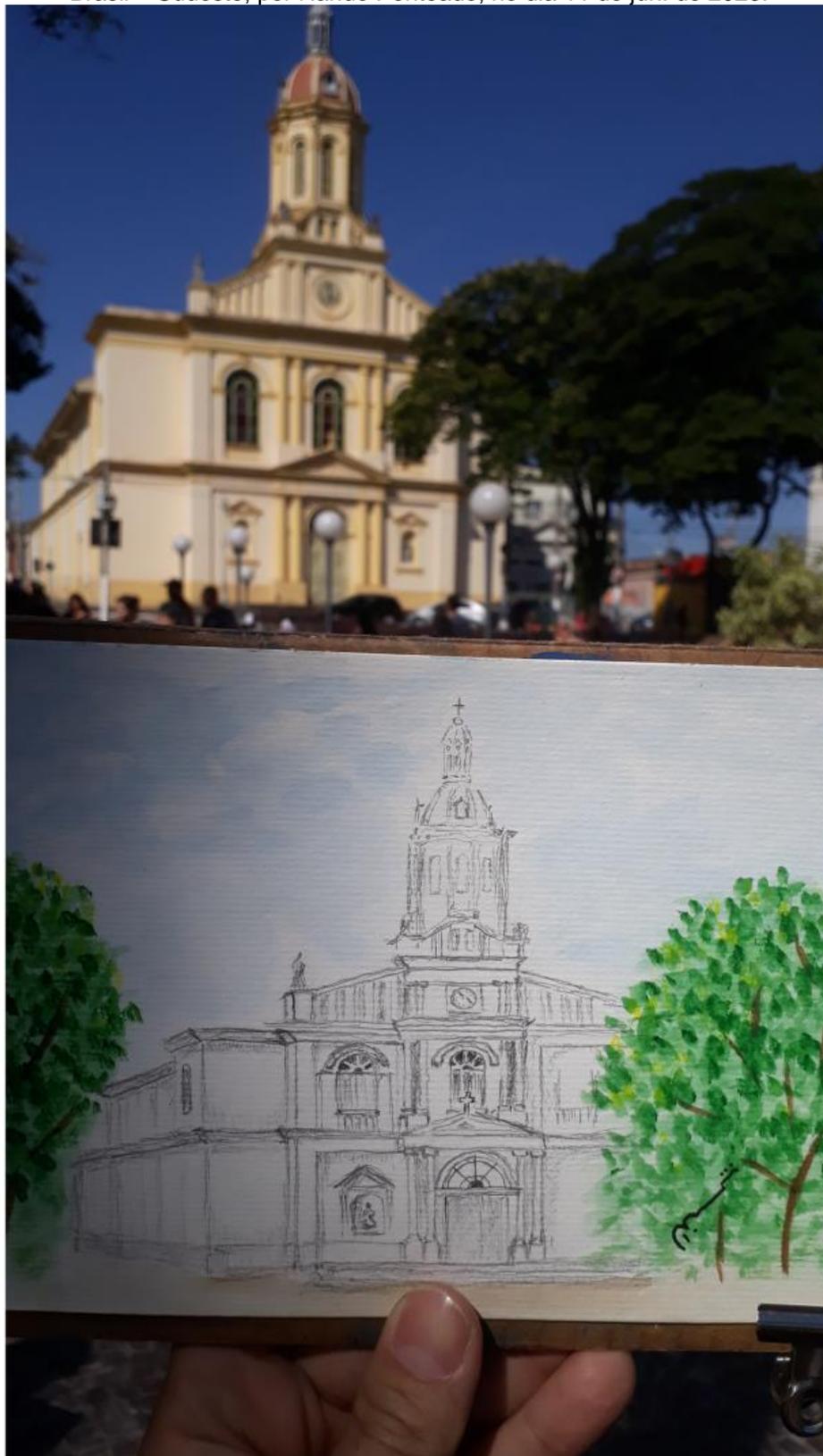
Figura 35: Desenho do Bloco de Carnaval Nem Sangue Nem Areia – Campinas, SP, feito por Marcos Diaz, no dia 04 de fev. de 2024.



Fonte: Blog Ateliê Luiza Budahazi. Disponível em: <https://atelieluizabudahazi.com/conheca-alguns-integrantes-da-comunidade-urban-sketchers-campinas/>. Acesso em 16 de out. de 2024. Urban Sketchers de Campinas.

Não tenho muita experiência com desenho/pintura, mas adoro ler, estudar, aprender técnicas como luz e sombra, perspectiva, etc., e aplicá-las na prática nos nossos encontros, são momentos bastante prazerosos (Nando Penteado, músico, USk Campinas, 2024).

Figura 36: Desenho da Igreja Matriz – Itu, SP. Realizado durante o Encontro Regional USk Brasil – Sudeste, por Nando Pentead, no dia 11 de jun. de 2023.



Fonte: Blog Ateliê Luiza Budahazi. Disponível em: <https://atelieluizabudahazi.com/conheca-alguns-integrantes-da-comunidade-urban-sketchers-campinas/>. Acesso em 16 de out. de 2024. Urban Sketchers de Campinas.

A escolha dos locais dos encontros

A escolha dos locais dos encontros na cidade de Campinas fica responsável pelos organizadores, que recebem sugestões advindas dos demais membros desenhistas. O critério de escolha baseia-se: 1-) na relevância histórica, cultural e/ou ambiental para a cidade, como no 1º encontro, na Estação Cultura, antiga estação ferroviária e 2-) na possibilidade de estabelecer parcerias, como no 43º encontro, no Largo das Andorinhas, com a participação do professor de história Sidney Rocha, para explicar mais sobre a memória por trás daquele lugar.

Desde a sua fundação em 2018 até o final da coleta de dados para a pesquisa (outubro de 2024), houve 51 encontros, 8 exposições de desenhos e aproximadamente 13 encontros especiais (dentre eles incluem *Drink and Draw*, *Coffee and Draw*²⁵, oficinas e encontros da comunidade fora da cidade de Campinas). Destes 51 encontros, lista-se:

Tabela 1 – Números, locais, datas e participantes dos encontros do USk Campinas.

Número	Local ²⁶	Data	Número de participantes ²⁷
1	Estação Cultura – Prefeito Antônio da Costa Santos, Centro.	25/02/2018	14
2	Lagoa do Taquaral	24/03/2018	12
3	Centro de Convivência, Cambuí	06/05/2018	19
4	Pedreira do Chapadão, Jd. Chapadão	10/06/2018	10
5	Bosque dos Jequitibás	08/07/2018	24
6	Mercado Municipal de Campinas, Centro	05/08/2018	16

²⁵ O “*Drink and Draw*” e “*Coffee and Draw*” são considerados encontros especiais inseridos na comunidade *Urban Sketchers*, pois, diferentemente de uma reunião usual dedicada exclusivamente ao desenho urbano em comunidade, tais encontros especiais aliam o desenho a uma refeição, como o almoço, o café da tarde ou o jantar, ocupando um *locus* específico: restaurantes, bares e cafés.

²⁶ Alguns encontros apresentaram a possibilidade de entrar no local e outros, apenas de desenhar a fachada do edifício. No caso do 12º encontro no Hospital Beneficência Portuguesa, no Centro, foi possível desenhar somente a fachada, do lado de fora, ao livre. Já o 34º encontro na Casa do Pavão, no Jd. Samambaia, foi possível adentrar no espaço e conviver com as pessoas e atividades que aconteciam no momento.

²⁷ O número de participantes é aproximado, uma vez que, a partir da observação empírica, a participação é oscilante: nem todos os integrantes permanecem durante o tempo todo, alguns optam por não aparecerem no registro fotográfico e outros levam acompanhantes que não desenham, apenas pela companhia.

7	Praça Carlos Gomes, Cambuí	02/09/2018	16
8	Teatro Castro Mendes, Vila Industrial	29/09/2018	15
9	SESC Campinas, Bonfim	21/10/2018	16
10	Estação Rodoviária de Campinas, Vila Industrial	02/12/2018	9
11	Largo do Carmo, Vila Itapura	27/01/2019	22
12	Hospital Beneficência Portuguesa, Centro	24/02/2019	11
13	Ciclo Básico da Unicamp, Barão Geraldo	24/03/2019	9
14	Swiss Park	28/04/2019	18
15	Largo do Rosário, Centro	01/06/2019	9
16	Casa do Lago, Barão Geraldo	28/07/2019	4
17	SENAC Campinas, Centro	31/08/2019	5
18	Evento "1ª Semana de Arte no Cambuí" – Centro de Convivência, Cambuí	22/09/2019	7
19	Paróquia Nossa Senhora das Dores, Cambuí	27/10/2019	Não identificado
20	Lago do Café, Taquaral	16/02/2020	19
Sem número	Encontros <i>online</i> durante a pandemia de COVID-19	2020 e 2021	Não identificado
21	Bosque dos Jequitibás	07/11/2021	8
22	Igreja de Santana, Sousas	12/12/2021	13
23	Museu da Imagem e do Som (MIS) de Campinas, Centro	30/01/2022	21
24	Concha Acústica, Parque Portugal, Taquaral	06/03/2022	22
25	Colégio de Aplicação Pio XII – PUC Campinas, Bosque	15/05/2022	14
26	Escola Estadual Colégio Culto À Ciência, Botafogo	05/06/2022	Não identificado
27	Praça Anita Garibaldi, Conceição	03/07/2022	Não identificado
28	Praça do Coco, Barão Geraldo	09/10/2022	10
29	Hospital Irmãos Penteado, Santa Casa de Campinas, Cambuí	13/11/2022	12
30	Museu Exploratório de Ciências da Unicamp, Barão Geraldo	04/12/2022	6
31	Biblioteca Pública Municipal Professor Ernesto Manoel Zink, Centro	15/01/2023	22
32	CIS Guanabara – Centro Cultural Unicamp, Botafogo	05/02/2023	21

33	Escola Estadual Colégio Culto À Ciência, Botafogo	05/03/2023	18
34	Casa do Pavão, Jd. Samambaia	02/04/2023	25
35	Coletivo Mangueira, Jd. Santa Genebra	07/05/2023	27
36	Casarão do Jambeiro, Jd. Santa Judith	04/06/2023	8
37	Quermesse da Paróquia de São José, Vila Industrial	01/07/2023	8
38	Maloca Arte e Cultura, Pq. Residencial Vila União	06/08/2023	25
39	Torre do Castelo	03/09/2023	13
40	SENAC Campinas, Centro	07/10/2023	18
41	SESC Campinas, Bonfim	05/11/2023	38
42	Vila do Papai Noel, no Largo do Rosário, Conceição	17/12/2023	8
43	Largo das Andorinhas, Centro	14/01/2024	33
44	Bloco de Carnaval Nem Sangue Nem Areia, na Praça Correia de Lemos, Vila Industrial	04/02/2024	13
45	Associação Atlética Ponte Preta (AAPP) - Estádio Moisés Lucarelli	03/03/2024	20
46	Lagoa Mingone, Av. Amoreiras	14/04/2024	14
47	Parque das Águas, Pq. Jambeiro	19/05/2024	17
48	Capela São Sebastião, Sousas	16/06/2024	21
49	Centro de Saúde Psiquiátrica Dr. Cândido Ferreira, Sousas	14/07/2024	22
50	Estação Cultura – Prefeito Antônio da Costa Santos, Centro.	04/08/2024	20
51	Colônia Alemã de Friburgo – Igreja Evangélica Luterana	08/09/2024	14

Fonte: *Urban Sketchers* de Campinas, dados de janeiro de 2018 a outubro de 2024.

Tabela 2 – Categorização dos encontros do USk Campinas, de acordo com o uso do lugar.

Encontros em praças, bosques, largos e lagoas	Encontros em equipamentos culturais (museus, teatros, casas de cultura etc.)	Encontros em equipamentos institucionais (escolas, igrejas, hospitais, estações e mercados)	Encontros durante ações culturais (carnaval, festividades, quermesse e eventos)
---	--	---	---

16	16	16	4
----	----	----	---

Fonte: Fonte: *Urban Sketchers* de Campinas, dados de janeiro de 2018 a outubro de 2024.

Tabela 3 – Encontros ao ar livre *versus* ambientes fechados do USk Campinas.

Encontro ao ar livre	Encontros em ambientes fechados	Encontros com a opção de ambientes fechados e ao ar livre
30	10	12

Fonte: Fonte: *Urban Sketchers* de Campinas, dados de janeiro de 2018 a outubro de 2024.

Diante dos locais, analisa-se a equivalência de encontros em equipamentos naturais, culturais e institucionais, lugares que colaboram para a criação do imaginário da cidade de Campinas – SP e, conseqüentemente, que estimulam a observação poética para desenhar com criatividade. A maioria dos encontros ocorrem em espaços abertos e em contato direto com a vida cotidiana urbana.

A localização dos encontros

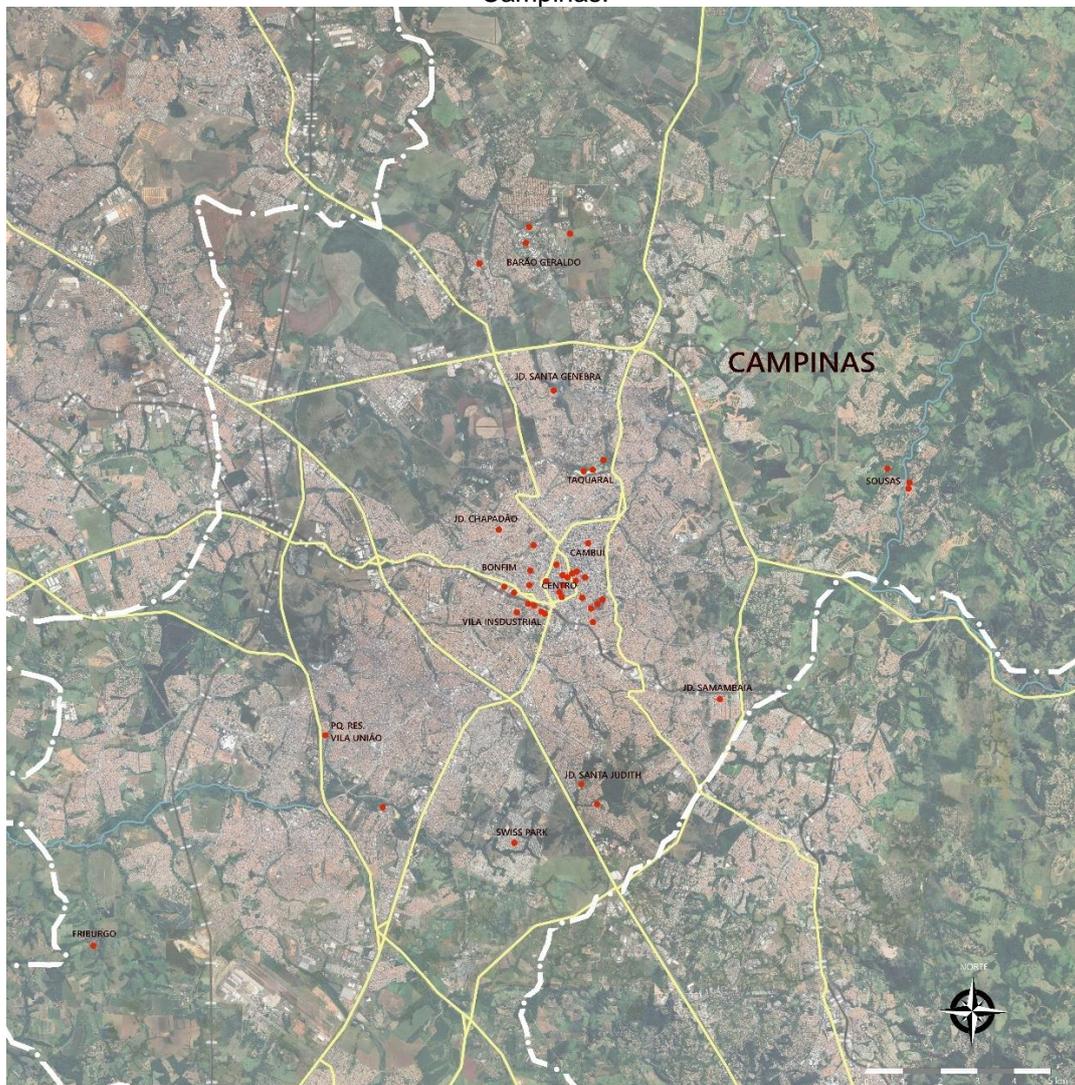
A partir dos mapas [figuras 37 e 38], visualiza-se que os encontros tiveram predominância na área central da cidade, concentrando-se nos bairros: Centro, Cambuí e Vila Industrial. Tais localidades correspondem à ocupação urbana inicial de Campinas e, por isso, abrigam diversos edifícios históricos e largos/praças usados como espaço de convivência e permanência. Além disso, a região central também abriga espaços dedicados à cultura e ao lazer, atrativos para a comunidade de desenhistas, como o Museu da Imagem e do Som de Campinas, o SESC, o SENAC e o Teatro Castro Mendes.

Cabe ressaltar que os bairros Taquaral e Barão Geraldo também foram bem explorados. O primeiro, devido à presença do Parque Portugal, atrativo turístico composto por um grande lago, uma concha acústica, um auditório, museus, áreas de lazer e de esporte, tudo integrado pela vegetação. Já o segundo bairro, considerado um polo da vida universitária, abriga diversos jovens e intelectuais interessados no desenvolvimento artístico da região, devido

à proximidade de universidades como a PUC-Campinas, a Unicamp e a FACAMP.

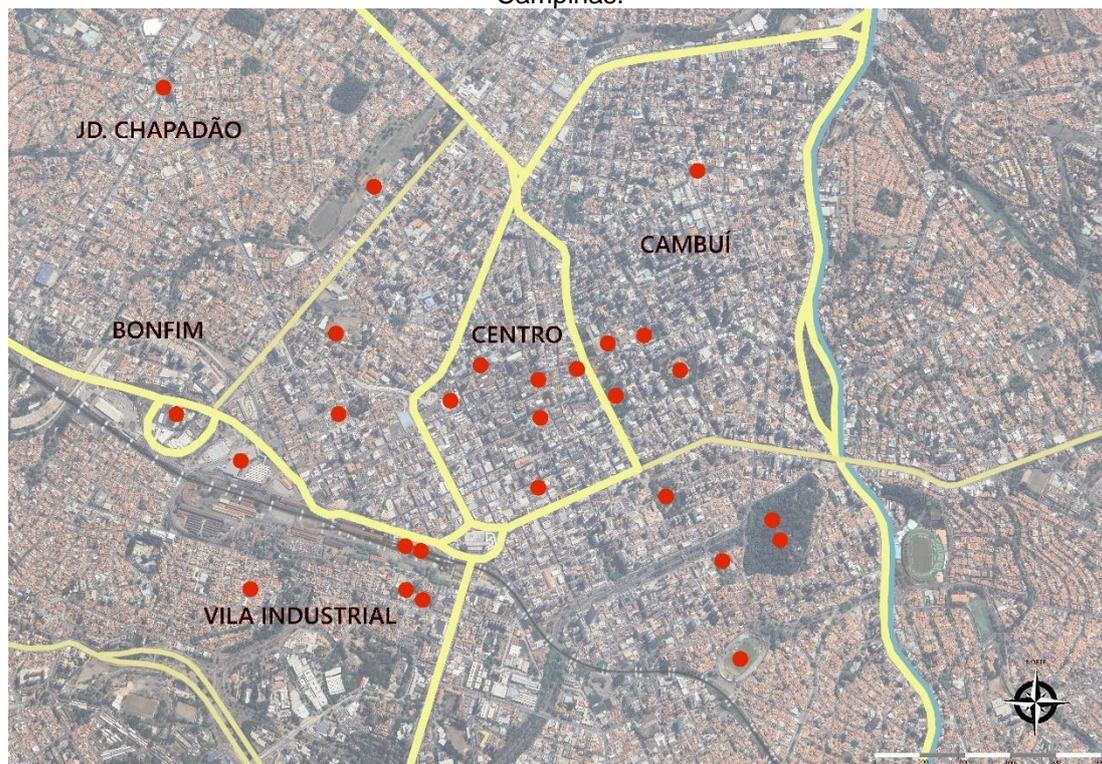
Sendo assim, nota-se a baixa ocorrência de encontros em bairros e regiões periféricas da cidade, que contemplam a população de baixa renda e apresentam maiores situações de vulnerabilidade social. Tal fato reforça a ideia expressa no segundo capítulo, de que a comunidade, de certa forma, busca retratar uma urbe idealizada, onde a convivência entre as pessoas, edifícios e natureza se dá em harmonia. No entanto, a partir da tabela dos encontros, é possível notar que, nos últimos anos, a comunidade tem procurado ampliar a sua ação, a fim de contemplar os diversos bairros de Campinas.

Figura 37: Mapa de Campinas (escala macro), contendo os encontros da comunidade USk Campinas.



Fonte: Google Earth. Elaborado pela autora.

Figura 38: Mapa de Campinas (escala micro), contendo os encontros da comunidade USK Campinas.



Fonte: Google Earth. Elaborado pela autora.

A descrição dos encontros

Os encontros presenciais realizados pela comunidade USK Campinas ocorrem mensalmente no primeiro domingo do mês, durante o período da manhã (começando às 10hrs e finalizando às 12hrs, em geral) e a escolha dos locais se dá por meio de uma reunião interna entre os organizadores.

Segundo o jornalista Leonardo Garzaro (2024, [n.p.]), “[o] projeto é gratuito, sem qualquer investimento público ou privado, sem qualquer faturamento. Inclusive, os participantes costumam levar material extra para quem se interessa em participar”.

A organização da ação acontece de maneira virtual: uma semana antes, os organizadores divulgam local e horário nas redes sociais oficiais da comunidade, que são a página do Facebook, o perfil do Instagram e o grupo de WhatsApp. A figura abaixo exemplifica a divulgação no Instagram.

Figura 39: *Print Screen* da divulgação do 41º encontro da comunidade no SESC Campinas, que ocorreu no dia 05 de nov. de 2023, no perfil oficial da comunidade.



Fonte: Instagram do USK Campinas. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CzEuhWZRAao/?img_index=1. Acesso em 04 de fev. de 2024.

Combinadas as informações, as pessoas interessadas em participar do encontro se reúnem no local com seus materiais de desenho urbano. A partir da observação empírica, nota-se que os materiais impulsionam um “modo de comportamento desenhista *in loco*”, isto é, os participantes carregam usualmente pequenas mochilas, garrafas d’água, cadeiras portáteis, cavaletes, estojos compactos e bonés. A figura do *urban sketcher* é fortalecida pelo compartilhamento de tal modo de comportamento em comunidade.

De acordo com a experiência de campo da pesquisadora, um encontro campineiro é dividido em quatro momentos:

1º momento: familiarização com a paisagem urbana. É um momento de acolhimento e reunião dos integrantes, em que os organizadores introduzem de maneira breve a importância daquele local para a cidade de Campinas, explicam o intuito do desenho urbano e combinam horários para reunião e discussão final;

2º momento: os integrantes realizam seus desenhos urbanos. Alguns optam por fazer deste um momento de introspecção, trabalhando silenciosamente a apreensão da paisagem. Ao passo que outros, optam pelo momento de descontração com os amigos desenhistas, se reúnem em pequenos

grupos e, enquanto desenham o lugar, conversam, dão risada, se hidratam e interagem com os transeuntes²⁸;

3º momento: “Exposichão”²⁹ corresponde ao final do encontro, em que os integrantes se reúnem, colocam os desenhos lado a lado no chão, apropriando-se do espaço urbano, e compartilham experiências, técnicas, angústias e vitórias no processo da criação de seus desenhos. O objetivo é que conheçam todos os trabalhos e percebam que o mesmo lugar pôde proporcionar diversas perspectivas e narrativas. O momento se finaliza com o carimbo da confirmação da participação e uma foto do grupo com os desenhos em mãos.

A partir da frequência nos encontros, percebe-se que a noção de acolhimento e empatia da comunidade é fortemente realçada pelos momentos 2 e 3, uma vez que exige que o desenhista conviva, perceba e dê valor para o trabalho do outro. A não obrigatoriedade do uso de técnicas formais de desenho proporciona uma diversidade de narrativas da paisagem de Campinas.

De acordo com Bajzek (2021, p. 146), “[d]esenhar a cidade é envolver-se nela. É participar de maneira ativa de seu cotidiano, não através da janela do carro, mas do olhar atento, paciente e amigável. Do registro sincero e íntimo”. Gerar esse movimento e vivenciar a cidade por meio da dinâmica do desenho urbano é uma experiência emancipadora (relembrando a afirmação de Flávio Motta).

4º momento: compartilhamento dos desenhos nas redes sociais. É o momento em que as diferentes visões de Campinas alcançam pessoas ao redor do Brasil e do mundo. A partir do uso de marcações, *hashtags* e *geotags*, os integrantes compartilham seus desenhos e suas experiências e, pelo uso de comentários, curtidas, “repostagens”, os usuários conhecem e apreciam os trabalhos dos demais.

Figura 40: *Print Screen* do perfil oficial do USk Campinas no Instagram, em que republica a postagem da integrante referente ao desenho de locação feito no 41º encontro no SESC Campinas.

²⁸ Os encontros que ocorrem em praças e parques costumam ser onde as interações e trocas com a comunidade local se intensificam. Devido à presença de crianças e adultos em momento de descontração, a atividade de desenhar desperta interesse por parte dos transeuntes, que, sem pressa, se dedicam a observar e até participar da ação.

²⁹ Expressão utilizada pelo *sketcher* e vice-presidente internacional do USk Ronaldo Kurita, no Encontro Regional Urban Sketchers Sudeste, que ocorreu em Itu – SP, e foi adotada pelos integrantes de Campinas.

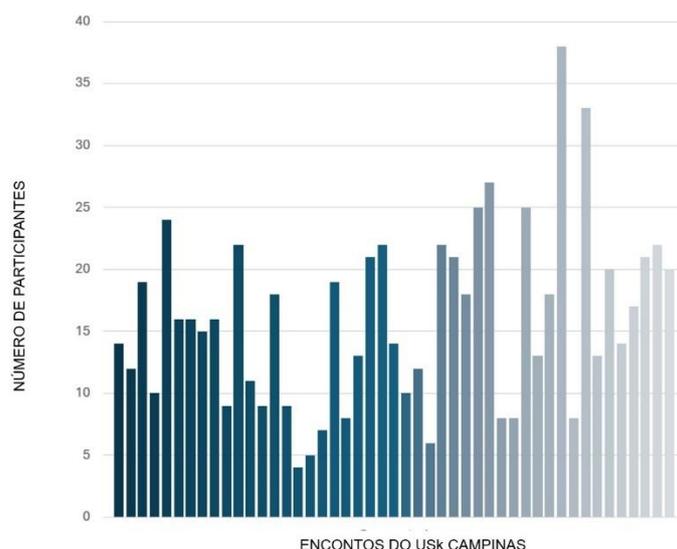


Fonte: Instagram do USk Campinas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CzWM2jKuN0Q/>. Acesso em 04 de fev. de 2024.

A adesão aos encontros

A partir do acompanhamento da comunidade no mundo virtual, nota-se um pequeno aumento do número de integrantes [ver gráfico]³⁰. Pode-se afirmar que o grupo possui uma média de 15 participantes por encontro.

Figura 41: Gráfico que expressa o número de participantes em relação aos encontros da comunidade USk Campinas.



Fonte: Autoral. Elaborado no *Power Point*.

³⁰ Uma vez que a pesquisadora ingressou no grupo no ano de 2021, não participou de todos os encontros e, pelo fato de não haver registros fotográficos e disponibilizados virtualmente dos participantes nos encontros 19, 26 e 27, tais encontros foram desconsiderados do gráfico.

A adesão ao grupo se deve pelo desenvolvimento do sentimento de pertencimento e de bem-estar dos desenhistas perante o coletivo. O acolhimento dos organizadores e a troca de experiências são fatores presentes em alguns discursos dos membros, que reforçam a conexão emocional entre o USK Campinas e a prática do desenho urbano.

Em uma fala concedida ao periódico Digitais, da Faculdade de Jornalismo da PUC – Campinas (2023, [n.p.]), a integrante do grupo e estudante de arquitetura e urbanismo, Caroline Carneiro, relata que “[d]esenhar é um jeito de representar meu olhar sobre o mundo e conseguir entender melhor os espaços”. A identificação com os ideais da comunidade faz com que Caroline se junte aos demais desenhistas, a fim de descobrir diferentes lugares de Campinas enquanto troca experiências artísticas.

Sendo assim, as imagens abaixo demonstram a comunidade em ação, desenhando e se apropriando do espaço urbano.

Figura 42: Integrante do USK Campinas praticando o desenho de locação no 24º encontro na Concha Acústica do Taquaral em 06 de mar. de 2022.



Fonte: Acervo pessoal. Foto tirada dia 06 de mar. de 2022.

Figura 43: Integrantes da USk Campinas durante *Coffee and Draw* na Livraria Candeeiro.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 44: Integrantes do USk Campinas praticando o desenho de locação no Encontro Regional *Urban Sketchers* Sudeste que ocorreu no município de Itu em 11 de jun. de 2023.



Fonte: Acervo pessoal. Foto tirada dia 11 de jun. de 2023.

Figura 45: Integrante do USk Campinas praticando o desenho de locação no 36º encontro no Casarão Jambeiro em 04 de jun. de 2023.



Fonte: Periódico Digitais, da Faculdade de Jornalismo da PUC – Campinas. Disponível em: <https://digitais.net.br/2023/06/jambeiro-vira-laboratorio-para-desenhistas-urbanos/>. Acesso em 28 de fev. de 2024.

Figura 46: Integrantes do USk Campinas com os desenhos em mãos, ao final de um encontro de desenho.



Fonte: USk Campinas, 2018.

A singularidade do USk Campinas

Após a descrição e a breve análise da comunidade *Urban Sketchers* de Campinas, é possível compreender de maneira aprofundada o funcionamento de uma comunidade em rede, surgida a partir da vontade de conhecer mais sobre Campinas – SP e a vida em sociedade. Na contemporaneidade, tal rede resgata a prática do desenho de observação *in loco*, atividade capaz de conectar as pessoas e os elementos que os cercam, criando um sentimento de pertencimento e territorialidade.

Conhecer Campinas por meio do desenho em comunidade, vivenciando seus espaços e adentrando em suas histórias, marcadas pelo acúmulo de mudanças urbanas e sociais, é uma prática bastante rica e de caráter pedagógico. Como dito no capítulo teórico, o ensino do desenho estimula diversas outras atividades do dia a dia e não deve ser restrito aos ambientes das instituições formais, pois o contato com o mundo externo estimula a criatividade e a experimentação.

O companheirismo do grupo regional campineiro é um diferencial em relação aos demais grupos brasileiros. A existência desde 2018, a organização de encontros especiais e o estabelecimento de parcerias exemplifica a paixão pelo desenho em comunidade que os integrantes carregam, reforçando o valor 6 do Manifesto: “Nós nos apoiamos e desenhamos juntos”. A rede não é marcada pela competitividade, mas sim pela disseminação de visões de mundo, cada integrante à sua maneira.

No entanto, nota-se que a USk Campinas ainda não pode contemplar a diversidade de lugares e de integrantes presentes na cidade. Há uma predominância de participantes advindos das áreas de arquitetura e artes visuais. Além de encontros em regiões centrais, históricas e estudantis, ao passo que regiões periféricas, com menos incentivo à cultura e ao turismo, são pouco contempladas. Percebe-se que a universalidade e a acessibilidade do desenho ainda não são uma característica comum para todos, pois os contextos social e espacial influenciam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, retomando a ideia central da pesquisa de descrever o fenômeno do desenho urbano, a dissertação se insere nos estudos da cultura visual contemporânea. A abordagem do desenho urbano, praticada pela comunidade global *Urban Sketchers* e, em específico, pelo grupo local USk Campinas, corresponde a uma investigação da diversidade de modos de ser e estar no mundo, por meio do desenho como uma forma de linguagem, capaz de criar diversas narrativas.

Nesse sentido, o principal objetivo alcançado consistiu na investigação da prática do desenho enquanto processo de apreensão da paisagem urbana e de autoconhecimento do desenhista. Para isso, de modo detalhado, o primeiro capítulo teórico se voltou a analisar o desenho de observação como processo de conhecimento espacial e do lugar. Autores de diferentes áreas, como Edwards, Arnheim, Cullen, Lynch, Motta e Artigas, trouxeram substancial embasamento, uma vez que discutem o desenho como um processo cognitivo e pessoal, ocasionado pela interação do desenhista com o meio que o cerca.

Ainda no capítulo teórico, atingiu-se o objetivo de resgatar a prática do desenho de observação da paisagem para a documentação dos valores culturais de uma comunidade em seu contexto geográfico, com figuras significativas como Honnecourt, Debret e Le Corbusier. Tais figuras demonstram como a prática do desenho *in loco* está presente na formação humana e na investigação do mundo que os cerca.

Os capítulos II e III, com abordagem descritiva e fenomenológica, abordaram o estudo de caso: a comunidade global USk e a local USk Campinas. A descrição e a breve análise serviram para compreender a condição global, virtual e heterogênea do coletivo, que possui diferenciadas narrativas visuais do norte e do sul global.

Sendo assim, a pesquisa contribui para a discussão no ensino do desenho, estruturada por uma análise de caráter interdisciplinar, correspondendo às áreas de arte, arquitetura e urbanismo. Nota-se que, para o coletivo estudado, o desenho adquire protagonismo e tem como finalidade a documentação da vida cotidiana. Contudo, a expressão criada a partir dos valores da comunidade USk condicionam uma similaridade de dispositivos e

comportamentos entre os integrantes, ocasionando certa padronização nas representações gráficas.

Em suma, a apreensão da paisagem urbana é revelada pelos registros feitos pelos *sketchers* da comunidade USk, que criam narrativas visuais com base em suas experiências com o mundo físico. A pluralidade de visões de mundo serve para salvaguardar as transformações urbanas e sociais, assim como a memória coletiva. Ademais, o autoconhecimento do desenhista é aflorado pela ação em comunidade e pela troca de experiências, além de ser condicionado pela similaridade de narrativas, comportamentos, suportes e equipamentos entre os integrantes. Pertencer a um grupo, dentro e fora do mundo virtual, é tão importante quanto desenhar *in loco*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERS, Josef. **A interação das cores**. Prefácio de Bruno Munari. Tradução Jeferson Luiz Camargo. Revisão da tradução Fernando Santos. 2 ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2021.

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e Percepção Visual: Uma psicologia da visão criadora**. Tradução de Ivonne Terezinha de Faria. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

ARTIGAS, Vilanova. **O Desenho**. Texto da Aula Inaugural pronunciada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP em 1 de março de 1967. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/790124/o-desenho-vilanova-artigas>. Acesso em 08 de out. de 2023.

BAJZEK, Eduardo. **Técnicas de ilustração à mão livre: do ambiente construído à paisagem urbana**. São Paulo: Olhares, 2021.

BERGER, John. **Drawn to that moment**. In: Savage, Jim (org.). *Berger on drawing - essays* Cork: Ireland Occasional Press, 2005.

BOWER, Stephanie. **101 dicas de Sketching: Técnicas e truques para desenhar na rua**. Editora Olhares, 2023.

BUDAHAZI, Luiza Simionatto; FERREIRA, Jane Victal. **PROPOSIÇÃO METODOLÓGICA PARA PESQUISA EM ARTE: O DESENHO DE OBSERVAÇÃO À MÃO FEITO IN LOCO..** In: Formas de Vida - Anais do 32º Encontro Nacional da ANPAP. Fortaleza (CE) IFCE, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/32anpap2023/668466-proposicao-metodologica-para-pesquisa-em-arte--o-desenho-de-observacao-a-mao-feito-in-loco/>. Acesso em: 22 de fev. de 2024.

CAMPANARIO, Gabriel. **The Art of Urban Sketching: Drawing on location around the world**. Beverly, MA: Quarry Books, 2012.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da Internet**. Editora Zahar, agosto, 2013.

CIDADE, Daniela Mendes. **Desenho de observação: uma reflexão sobre o ensino de desenho na formação do arquiteto na era da informatização**. Graphica. Curitiba, Paraná. UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Departamento de Arquitetura.

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. Edições 70, 2008.

DEBRET, Jean-Baptiste. **Caderno de viagem** Julio Bandeira (org.). Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

DE SOLA MORALES, Ignasi. Terrain vague. In: **Terrain Vague**. Routledge, 2013. p. 24-30.

EDWARDS, Betty. **Desenhando com o Lado Direito do Cérebro**: Um curso para estimular a criatividade e a confiança artística. nVersos Editora, 2021.

Estudos de iconografia medieval: o caderno de Villard de Honnecourt, arquiteto do século XIII / edição, tradução e comentários de Eduardo Carreira – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

FONSECA, Flávia Massaro; VIZIOLI, Simone Helena Tanoue. **Os desenhos de Villard de Honnecourt e o processo projetivo na Idade Média**. In: XVIII Conference of the Iberoamerican Society of Digital Graphics SIGraDi: Design in Freedom, 2014, Montevideo. Proceedings of the XVIII Conference of the Iberoamerican Society of Digital Graphics - SIGraDi: Design in Freedom. São Paulo: Editora Edgard Blücher. v. 1. p. 479-482.

FURATDO, Rita Márcia Magalhães. **O coletivo do eu**: memória e educação das sensibilidades na experiência estética com a arte pública. RESGATE: Revista Interdisciplinar de Cultura, vol. XX, Nº 23 - jan./jun. 2012, p. 119-127.

HALLAWELL, Philip Charles. **A mão livre**: A linguagem visual. Editora Senac São Paulo, 2017.

HUBNER, Jens. **A prática do urban sketching**: 25 exercícios para desenhar na rua. Osasco, SP: Gustavo Gili, 2020. Tradução de Denis Fracalossi.

KUSCHNIR, Karina. 2012. **Desenhando cidades**. Sociologia & Antropologia, v.02, n.4, p.295-314.

KUSCHNIR, Karina. 2018. **Desdesenhando o Rio**. Blog IMS (Instituto Moreira Salles), seção Artes. Publicado em 5/06/2018.

LANCHA, J. J. **O olho e a mão, o desenho na primeira viagem de Le Corbusier**. Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online), [S. l.], n. 4, p. 51-66, 2006. DOI: 10.11606/issn.1984-4506.v0i4p51-66. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/risco/article/view/44673>. Acesso em: 17 dez. 2023.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Edições 70, 1960.

MANOVICH, Lev. **O banco de dados**. Revista Eco Pós, vol. 18, n. 1, 2015, p. 7 – 26. Disponível em [hVps://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/2366/2024](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/2366/2024). Acesso em ago. de 2021

MARTINS, Luiz Geraldo Ferrari. **A etimologia da palavra desenho (e design) na sua língua de origem e em quatro de seus provincianismos: desenho como forma de pensamento e de conhecimento**. Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Desenho Industrial da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Produção Editorial: 2007. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1866-1.pdf>.
Acesso em 27 de fev. de 2024.

MOTTA, Flávio. **'Desenho e Emancipação'** in: **Sobre o Desenho**. Centro de Estudos Brasileiros do GFAU USP, São Paulo, 1975.

PEIXOTO, Simone. **Pensar o desenho: história, linguagem e prática**. 2 ed. Paraná, Guarapuava: UNICENTRO, 2013.

PITA, Maria Eliza de Castro. **De Jeanneret a Le Corbusier: Os anos de formação**. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Campinas. 2003

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. Editora Ática. São Paulo – SP. 2005.

ROGOFF, Irit. **Terra Infirma: Geography's Visual Culture**. New York: Routledge, 2000.

SCHENK, Leandro Rodolfo. **Os croquis na concepção arquitetônica**. Prefácio de Luciana Bongiovanni Martins Schenk. Apresentação de Vera Pallamin. São Paulo: Annablume, 2010.

THORSPECKEN, Thomas. **Guia completo de técnicas de desenho urbano**. Tradução Alexandre Salvaterra. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

TREVISAN, Anderson Ricardo. **Debret e a Missão Artística Francesa de 1816: aspectos da constituição da arte acadêmica no Brasil**. Plural, [S. l.], v. 14, p. 9–32, 2007. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2007.75459. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/75459>.. Acesso em: 18 mar. 2024.

VALGAS, P. H. T.. **Urban Sketchers e o heroísmo moderno**. Revista Latino-Americana de História, v. 9, p. 69-91, 2019

VERDUM, Roberto. Perceber e conceber paisagem. **Paisagem: leituras, significados, transformações**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2012. p. 15-22, 2012.

VIZIOLI, Simone Helena Tanoue; MEDEIROS, Givaldo Luiz, LANCHETA, Joubert José, CASTRAL, Paulo César. **O desenho na história: a arte o instrumento e a mão**. organizado pelo Núcleo de Pesquisa em Estudos de Linguagem em Arquitetura e Cidade (N.ELAC-IAU.USP. 2020).

REFERÊNCIAS

Ateliê Luiza Budahazi, Campinas, SP. Disponível em: <https://atelieluizabudahazi.com/>. Acesso em 06 de nov. de 2024.

COSTA, Luís Octávio. **Urban sketchers: isto não é apenas um desenho**. Revista Público, 2018.

FERREIRA, Vinícius Zaia. **Movimento Urban Sketchers Campinas busca valorizar espaços públicos da cidade por meio do desenho.** Portal Cultural de Campinas. Disponível em: <https://campinas.com.br/cultura/2022/12/movimento-urban-sketchers-campinas-busca-valorizar-espacos-publicos-da-cidade-por-meio-do-desenho/>. Acesso em 06 de nov. de 2024.

GARZARO, Leonardo. **Desenhar uma livraria.** Publishnews, 2024. disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2024/01/23/desenhar-uma-livraria>. acesso em 01 de abr. de 2024

Karina Kuschnir. Disponível em: <https://karinakuschnir.com/artigos/>. Acesso em: 22 de fev. de 2024.

Memória Urbana. Disponível em: <https://www.memoriaurbana.com.br/>. Acesso em 20 de set. de 2024

SketchCrawl. Disponível em: <https://www.sketchcrawl.com/>. Acesso em 20 de set. de 2024.

RIBEIRO, Sophia. **Jambeiro vira laboratório para desenhistas urbanos.** Digitais, Campinas, SP, 22 de jun. de 2023. Orientação de Carlos A. Zanotti e edição de Melyssa Kell. Disponível em: <https://digitais.net.br/2023/06/jambeiro-vira-laboratorio-para-deshenhistas-urbanos/>. Acesso em 22 de fev. de 2024.

Pedro Leonardo conhece grupo que valoriza a cidade por meio do desenho. Globo Comunicações e Participações S.A., Campinas, SP, publicada em 25 de fev. de 2023. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11397720/>. Acesso em 22 de fev. de 2024.

Urban Sketchers com Eduardo Bajzek, Fabiana Boiman e Ronaldo Kurita - Podcast EP#01. Editora Olhares, publicado no Youtube em 31 de jan. de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=alfFZ-5vGzQ>. Acesso em 22 de fev. de 2024.

Urban Sketchers Brasil. Brasil. Disponível em: <http://brasil.urbansketchers.org/>. Acesso em 20 de mar. de 2024.

Urban Sketchers. Seattle, Washington, D.C. Disponível em: <http://www.urbansketchers.org/>. Acesso em 20 de mar. de 2024.

@urban_sketchers_brasil. Brasil. Disponível em: https://www.instagram.com/urban_sketchers_brasil/.

@urbansketchers. Seattle, Washington, D.C. Disponível em: <https://www.instagram.com/urbansketchers/>. Acesso em 20 de mar. de 2024.

@uskcampinas. Campinas, SP. Disponível em: <https://www.instagram.com/uskcampinas/>. Acesso em 20 de mar. de 2024.

VIEIRA, Cibele. **Uma cidade redesenhada por artistas espontâneos**. Correio Popular, Campinas, SP, 13 de jan. de 2023. Disponível em: <https://correio.rac.com.br/entretenimento/uma-cidade-redesenhada-por-artistas-espontaneos-1.1331249>. Acesso em 22 de fev. de 2024.

BIBLIOGRAFIAS COMPLEMENTARES:

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. Editora Companhia das Letras, 1992.

BECKER, J. A. **Tendências contemporâneas do desenho**: procedimentos em direção ao espaço e sua prática pedagógica. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, [S. l.], v. 12, n. 26, p. 295–329, 2022. DOI: 10.35699/2237-5864.2022.38610. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/38610>. Acesso em: 28 jul. 2023

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa - teorias e abordagens**. 2. ed. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre, Artmed, 2006.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. **Etnografia de Rua**: Estudo de Antropologia Urbana. ILUMINURAS, Porto Alegre, v. 4, n. 7, 2003. DOI: 10.22456/1984-1191.9160. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9160>. Acesso em: 22 jan. 2024.

GOUVEIA, Anna Paula Silva. **O croqui do arquiteto e o ensino do desenho**. Tese de doutorado FAU USP 1998. Orientadora: Prof.^a Dr^a Élide Monzeglio. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-03052010-090659/publico/tese_V1.pdf. Acesso em 16 de nov. de 2023.

MOLLIÈRE, Bruno. **La perspectiva en urban sketching**. Trucos y técnicas para dibujantes. Editorial: Gustavo Gilli, 2017.

MONTANER, AUGÉ. **La Humanidad planetaria**. Série Diálogos. Barcelona: Editorial Gedisa, 2019.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci**: Towards a Phenomenology of Architecture. Academy Editions Ltd, 1980.

OLIVEIRA, C. S. G. **Expressão ou autoexpressão na criação artística**: um diálogo entre Nise da Silveira e Susanne K. Langer. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, [S. l.], v. 13, n. 27, p. 296–324, 2023. DOI: 10.35699/2237-5864.2023.41075. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/41075>. Acesso em: 28 jul. 2023.

PELAYO, Raquel. **Ensino do desenho**: pedagogias, conflitos e desafios. 1. ed. – Porto Alegre: Homo Plásticus, 2019.

REY, Sandra Terezinha. **O meio como ponto zero**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2022. p. 123 – 140.

SECCHI, Bernardo. **Primeira lição de urbanismo**. Ed. Perspectivas, Coleção Debates, Roma, Itália, 2000. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/514478141/SECCHI-Bernardo-Primeira-Licao-de-Urbanismo#>. Acesso em 05 de mai. de 2023.

SENNETT, Richard. **O Artífice**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2019. Tradução de Clóvis Marques.

SILVA, Giovana Carolina. **Janelas do cerrado para o mundo: o movimento Urban Sketchers**. 2020. 89 f. Dissertação (Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado) - Campus Ciências Socioeconômicas e Humanas, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, GO.

SOUZA, Emanuel Áquila Bezerra de. **O olhar sobre a cidade através do desenho e as dinâmicas coletivas dos Urban Sketchers** (Natal/RN). 2022. 158f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

VILLA, Danillo Gimenes. **Caçando Opalas**. Campinas, SP: [s.n.], 2003. Orientador: Lygia Arcuri Eluf. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes.